

A Monadologia e outros textos

Gottfried Leibniz

Resumo

Your summary.

Conteúdo

Introdução	1
Monadologia	2
Nota sobre as traduções	10
A Monadologia	10
Princípios da Natureza e da Graça	24
Sistema Novo da Natureza	31
Sobre a origem fundamental das coisas	40
Primeira carta a Nicolas Rémond	47
Adendo	50
Segunda carta a Nicolas Rémond	52
Nota H ao verbete “Rorarius”	56
Glossário	60

Introdução

Todo aquele que se dispõe a estudar o pensamento de G. W. Leibniz depara-se com duas dificuldades.

A primeira delas decorre do fato de o filósofo não ter escrito um texto que contivesse o todo de seu rico e variado pensamento. Especificamente em filosofia, Leibniz publicou em vida um único livro: *Ensaíos*

de *Teodiceia*, em 1710. Até então, suas ideias foram publicadas apenas em artigos de revistas, tais como, *Acta Eruditorum* em língua latina; *Journal des Savants* (Paris); *Nouvelles de la République des Lettres* (Amsterdã), *Histoire des Ouvrages des Savants* (Roterdã) e *Mémoires pour l'Histoire des Sciences et des Beaux Arts* (Trévoux).

E nisso reside a segunda dificuldade de interpretação da obra do filósofo, pois os seus melhores textos – não apenas em filosofia como também nas matemáticas, lógica e em tantos outros ramos do conhecimento humano aos quais se dedicou – encontram-se dispersos em uma abundante quantidade de material: um sem-número de cartas, rascunhos, notas e outros textos menores. O próprio filósofo chegou a afirmar que conheceria mal sua filosofia aquele que se dedicasse tão-somente ao estudo de suas obras então publicadas.

Contudo, nesse conjunto, quatro marcos fundamentais podem ser estabelecidos na obra filosófica de Leibniz: o *Discurso de Metafísica*, de 1686; “Sistema Novo da Natureza e da Comunicação das Substâncias”, artigo publicado no *Journal des Savants* em junho-julho de 1695; a *Monadologia*, de 1714, e os *Princípios da Natureza e da Graça*, também de 1714.

Esta edição apresenta o pensamento leibniziano amadurecido, fundamentado pela *Monadologia*.

Monadologia

Leibniz compôs a *Monadologia* em 1714, dois anos antes de sua morte, como um resumo de sua filosofia. Por suas noventa seções ou parágrafos, ele apresenta uma elaborada exposição do mundo por meio das lentes da razão pura. Esse mundo, criado por Deus, nada mais é que uma coleção de substâncias simples, um mundo de mônadas. Nós próprios somos um tipo particular de mônada: temos o poder de refletir sobre nós mesmos e de compreender a estrutura que necessariamente compõe este mundo e, assim, podemos apreciar a posição privilegiada que Deus nos reservou neste plano universal.

E a doutrina das mônadas, tal como se apresenta na *Monadologia*, é o ponto culminante do pensamento leibniziano sobre a substância. No parágrafo primeiro, Leibniz afirma: “A mônada, da qual vamos falar aqui, não é senão uma substância simples, que entra nos compostos” (*Monadologia* §1). Por “simples” entenda-se “um”, “sem partes”. Uma análise completa dos parágrafos iniciais da *Monadologia* e das suas implicações nos fornecerá praticamente uma visão total da filosofia leibniziana.

Mônada Mônada é, portanto, o nome que Leibniz atribuiu àquilo que ele considerava átomos reais da natureza ou elementos das coisas. Este termo apresenta algumas vantagens, pois todos os outros que a ele estejam relacionados em significado (tais como alma, espírito, átomo, ponto) podem ser utilizados apenas com limitações.

E já que as mônadas não possuem partes, portanto, não ocupam lugar no espaço, não têm tamanho, forma ou tampouco são passíveis de divisibilidade. No senso comum, formar ou destruir algo envolve, respectivamente, juntar ou organizar as partes, ou separá-las. Como as mônadas não possuem partes, não podem ser formadas, tampouco destruídas. Podem tão-somente vir a existir por criação e deixar de existir por aniquilação. Pelas mesmas razões, disso decorre que as mônadas não podem causar mudanças entre si: não há nada que uma entidade não-espacial possa fazer a outra.

Todavia, as mônadas devem possuir qualidades, pois, do contrário, não seriam coisas. E já que existe uma variedade de coisas no mundo, elas devem diferir entre si exatamente em qualidade. As diferenças que constituem a variedade devem estar nas próprias substâncias simples, pois nenhuma associação de coisas exatamente similares poderia produzir qualquer diferença. Cada mônada muda continuamente e, já que a mudança não pode ser causada por uma fonte externa, deve ter origem em um princípio interno.

percepção Mudanças envolvem multiplicidade, pois utilizamos a palavra “mudança” apenas para um estado de coisas no qual um elemento é diferente e um outro permanece o mesmo. A substituição de um estado por outro que é totalmente diferente não é, justificadamente, denominada mudança, mas sucessão. Essa multiplicidade está na mônada, ou unidade simples, e, portanto, não pode ser uma multiplicidade de partes. Leibniz denomina essa multiplicidade *percepção*. Percepção é, em nosso sentido da palavra, um exemplo dos muitos estados mais gerais que Leibniz tem em mente ao usar o termo. Quando pensamos, afirma Leibniz, temos uma experiência da multiplicidade em uma substância simples, isto é, podemos analisar o ato de pensar como um sujeito (nós mesmos) pensando sobre um objeto; e o objeto em si pode ser analisado em partes, embora não-espaciais. Assim, se estou pensando em uma rosa vermelha com aroma agradável, estou distinguindo entre as várias qualidades da rosa, mas certamente não estou pensando nelas lado a lado no espaço.

apetição Ao princípio de acordo com o qual cada mônada desenvolve suas séries de mudanças, Leibniz denomina apetição, ou seja,

um ímpeto de autodesenvolvimento sempre em busca de novas percepções, quer mediante propósitos conscientes dos seres humanos, quer pelo movimento das pedras sob a força da gravidade. A percepção, e tudo o que dela depende, não pode ser descrita ou explicada em termos mecânicos, isto é, por figuras ou movimentos. Leibniz imagina uma máquina tão ampla cuja estrutura a fizesse pensar e sentir e na qual pudéssemos penetrar, tal qual um moinho, e observar as partes agindo umas sobre as outras. Poderíamos, de fato ver os distúrbios deste vasto cérebro, seguidos dos movimentos do nervo ótico, mas nunca seríamos capazes de ver a percepção. Assim, a percepção é muito mais como uma atividade da alma. Se estivéssemos considerando apenas a percepção, todas as mônadas seriam denominadas almas. Mas há outras distinções a ser feitas que tornam desejável reservar o termo “alma” àquelas mônadas que possuem percepção distinta, acompanhada de memória.

alma Todas as mônadas possuem percepção, mas em algumas essa percepção é mais distinta que em outras. As mônadas para as quais a denominação “alma” é inadequada são chamadas “mônadas nuas” e suas percepções são confusas e indistintas. Podemos imaginar em que consiste esse estado se considerarmos o que significa estar em um sono profundo, sem sonhos, ou em um desmaio. Nós nos diferenciamos das mônadas nuas, pois retornamos dos estados de desmaio e de sono profundo. Mas, mesmo nesses estados, a mônada não se encontra sem percepção. Se ela existe, deve ser afetada de algum modo, e tal afecção é sua percepção.

razão Por este motivo, a inconsciência é, assim, apenas aparente, bem como nossa percepção de estado de vigília deve ter origem do nosso assim denominado estado inconsciente. Uma percepção origina-se apenas de uma outra percepção. Possuímos experiência de percepções confusas e indistintas quando estamos tontos ou atordoados. Então, possuímos uma variedade de pequenas percepções, nas quais nada há de distinto. Tanto homens como animais têm memória e formam associações entre percepções presentes e passadas. Isso conduz animais e homens na maioria das suas ações a formar expectativas e, por conseguinte, a ajustar suas ações, mas apenas os seres humanos podem ajustar seus comportamentos em bases racionais. “Mas o conhecimento das verdades necessárias e eternas é o que nos distingue dos simples animais e nos faz possuidores da Razão e das ciências, nos elevando a um conhecimento de nós mesmos e de Deus. É isto que, em nós, denomina-se Alma Racional ou Espírito” (Monadologia §29).

Assim, há três tipos de mônadas criadas: mônadas nuas, almas e es-

píritos. Se algo pode ser denominado matéria, seriam as mônadas nuas. Os animais são almas. Os seres humanos, almas racionais, são espíritos. Como cada mônada sofre mudanças conforme seus próprios princípios internos, “todo estado presente de uma substância simples é naturalmente uma continuação de seu estado anterior, assim também o presente está prenhe do futuro” (Monadologia §22), e tudo o que acontece a qualquer substância simples pode ser lido a partir de uma descrição de qualquer um dos seus estados.

A razão dos seres humanos baseia-se em dois princípios: o princípio da contradição, segundo o qual consideramos falso o que envolve contradição e verdadeiro aquilo que é oposto ou contraditório ao falso; e o princípio de razão suficiente, em virtude do qual consideramos que nenhum fato pode ser tomado como verdadeiro ou existente, tampouco nenhum Enunciado pode ser considerado verdadeiro, a menos que exista uma razão suficiente para que assim seja e não de outro modo. Essas razões não podem, usualmente, ser conhecidas pelos seres humanos. Há, então, dois tipos de verdades, cada uma tendo por base um desses dois princípios. As verdades de razão baseiam-se no princípio da contradição. Elas são necessárias, e seu oposto é impossível. Já as verdades de fato baseiam-se no princípio de razão suficiente; são contingentes, e seu oposto é possível. A razão para as verdades necessárias pode ser encontrada por análise, pela qual são decompostas em ideias e verdades mais simples, até alcançarmos as verdades primitivas. Esse procedimento é comum nas matemáticas quando alcançamos definições, axiomas e postulados por meio de análises. As ideias simples não podem ser definidas, e tanto os axiomas como os postulados não podem e não precisam ser provados. Essas são proposições idênticas, cuja oposição envolve contradição.

Quando buscamos razões para as verdades de fato, a análise poderia prosseguir infinitamente, quer em virtude da imensa variedade das coisas, quer em virtude da nossa busca envolver outras coisas contingentes que, por seu turno, conduziriam a uma análise adicional. Tendo em vista que deve haver uma razão suficiente para todas as coisas contingentes, e essa razão não se encontra na própria série, deve encontrar-se fora da série de coisas particulares contingentes. Isto é, deve encontrar-se em um ser necessário, ou seja, Deus. Assim, a substância necessária é a fonte da imensa variedade de mudanças particulares neste universo atual.

Deus Como Deus é a razão suficiente para o sistema de seres particulares, há apenas um único Deus. Nada é independente dessa substância única. Ela não pode ser limitada de modo algum e deve conter tanta realidade quanto possível. A expressão “tanta realidade quanto possível” pode ser um tanto difícil de ser entendida por nós, leito-

res contemporâneos, mas é vital para o sistema leibniziano. Leibniz iguala perfeição com quantidade de realidade positiva, e o que ele tem em mente é que apenas seres imperfeitos deixam de produzir tudo o que está em seu poder. O ser perfeito não está limitado de modo algum, e seu poder se manifesta no mais alto grau. A única limitação dos seus poderes de criação (e Leibniz recusa-se a denominar isso limitação) é que entre o número de infinitos universos possíveis presentes à mente de Deus, apenas um pôde tornar-se atual. Todo universo é possível em si mesmo, se considerado isoladamente, mas não são compostíveis entre si.

Já as criaturas são limitadas por suas próprias naturezas, e nisso diferenciam-se de Deus. Um exemplo de tal imperfeição é a inércia natural dos corpos. As perfeições das criaturas provêm de Deus, mas suas imperfeições advêm de suas próprias naturezas.

A mente divina é a região das verdades eternas. Quando contemplamos as verdades eternas e atemporais das matemáticas, nós não as estamos criando, tampouco se originam de nossa percepção, mas as vemos na mente de Deus. Assim como Deus é a fonte de toda existência atual, Ele é a fonte de toda possibilidade. A existência atual de Deus é a eterna correlação de toda possibilidade. A expressão leibniziana para isso é: “Também é verdade que em Deus está não só a fonte das existências, mas também a das essências” (Monadologia §43). Uma coisa existente é uma essência ou ideia de uma coisa possível à qual uma existência atual foi acrescentada.

Além disso, Deus diferencia-se de todos os outros seres existentes, pois a possibilidade de Sua existência implica necessariamente sua atualidade. Há algumas possibilidades que permanecem apenas possibilidades. Qualquer ideia que não contenha uma autocontradição é possível, mas aquela ideia pode ou não se tornar atual. A ideia do ser infinitamente perfeito também é possível, tendo em vista que não é autocontraditória. Todavia, sendo possível, também o é necessariamente a ideia de um ser existente, pois o ser infinitamente perfeito deve ser ilimitado em todos os meios possíveis e não pode, portanto, não existir. Em razão desses princípios, então, a existência de Deus não pode ser questionada, e a existência atual dos seres contingentes demanda a existência de um ser necessário como sua razão suficiente. A existência de Deus é, assim, estabelecida não só *a posteriori*, isto é, como conhecimento por experiência, mas também *a priori*, ou seja, a partir de princípios independentes da experiência. Além disso, as verdades eternas exigem uma mente eterna que, ao contemplá-las, as mantenha na existência.

As verdades eternas são dependentes do intelecto divino, mas não de Sua vontade, de modo que não são arbitrárias. Deus vê quais dentre as possibilidades seriam as melhores em todos os mundos possí-

veis e as traz à existência. Essas verdades existenciais, então, não são mais arbitrárias que as verdades eternas. Seu princípio é o da conveniência ou da escolha do melhor, de modo que há uma razão suficiente pela qual deva ser assim e não de modo diverso, embora não exista nenhuma autocontradição em seu oposto. Por exemplo, Leibniz nunca se casou; por isso, embora não haja nenhuma autocontradição e, portanto, nenhuma impossibilidade inerente na afirmação de que contraiu matrimônio com uma dama em Hannover e com ela teve três filhos, isso não é verdade, e, portanto, não está em conformidade com a vontade e a escolha de Deus.

Deus é a substância simples originária, e todas as mônadas criadas nascem de contínuas fulgurações da divindade momento a momento. Leibniz utiliza a palavra fulgurações para expressar o modo pelo qual as mônadas criadas nascem a partir de Deus, a fim de evitar dois extremos. A utilização da palavra “criação” sugeriria uma enorme independência por parte das mônadas finitas. As pessoas imaginam o mundo criado como tendo sido produzido e persistindo de modo independente. Por outro lado, “emanação” torna o mundo criado quase uma parte da divindade, e é difícil dissociar suas imperfeições da própria natureza divina.

As coisas criadas são, por sua própria natureza, limitadas. Se assim não fosse, simplesmente significaria que Deus teria criado um outro Deus, o que é absurdo. A limitação demonstra o grau de passividade das criaturas. Diz-se que as criaturas são ativas na medida em que suas percepções são claras e distintas, e passivas ou imperfeitas por possuírem percepções confusas. Diz-se que uma mônada age sobre uma outra, e assim é mais perfeita, quando seu estado explica o estado da outra. Diz-se apenas que uma age sobre a outra, mas na realidade cada mônada desenvolve sua série de mudanças a partir de seu próprio princípio interno, e em conformidade com o desenvolvimento de todas as outras mônadas. Deus, ao criar as mônadas, harmonizou a relação de cada uma delas com todas as outras.

Para Leibniz, há um número infinito de universos possíveis presentes no entendimento divino, mas apenas um pode ser atual. Deve haver uma razão suficiente pela qual Deus escolhe este único em preferência a todos os outros, e essa razão repousa na perfeição relativa dos universos possíveis. Este mundo escolhido por Deus é o melhor de todos os universos possíveis. Sua bondade O conduziu a escolhê-lo, e seu poder O levou a produzi-lo. Ao criar o universo, Deus acomodou cada mônada a todas as outras de tal modo que cada uma é um espelho vivo perpétuo de todo universo. Pois toda mônada é um espelho do mesmo universo a partir de seu próprio ponto de vista. Isso significa que temos uma variedade tão grande de coisas quanto possível com a maior quantidade de ordem, e nenhuma outra hipótese exalta

tão adequadamente a grandeza e bondade de Deus.

O corpo como Máquina Divina Do que foi visto até agora, podemos perceber que as coisas não podem ter sido de modo diferente do que realmente são e, desde que o estado de cada mônada representa o estado de todas as demais, então, nada acontece sem seus efeitos serem sentidos por todo o universo. Com o conhecimento perfeito do que ocorre em uma parte do universo, podemos interpretar o que ocorre em todas as outras partes, mas as criaturas, seres criados, apenas podem interpretar o que se representa em suas almas. Cada alma representa mais claramente o que está acontecendo em seu próprio corpo, e toda parte do corpo representa o que está ocorrendo em toda outra parte, bem como o que está acontecendo na sua vizinhança. “Assim, cada corpo orgânico de um vivente”, afirma Leibniz, “é uma espécie de Máquina Divina ou um Autômato Natural” (Monadologia §64). Isso a difere de uma máquina produzida pelo homem, pois é orgânica em todas as suas partes, enquanto uma máquina produzida pelo homem possui partes que não são máquinas em si mesmas. Por exemplo, uma peça de latão não demonstra que se destinava a tornar-se uma roda, mas toda parte de uma máquina divina é uma máquina em si mesma, demonstrando que se destinava àquele lugar e função e a nenhum outro (cf. Monadologia §64).

A matéria é, assim, de tal natureza que se presta por si mesma aos propósitos de Deus. Em nossas construções, fazemos uso tão-somente da matéria, mas apenas as mônadas, elementos vivos e moventes, se adequam a ser usados por Deus. A matéria é não só infinitamente divisível, mas infinitamente dividida, de modo que na menor partícula há um mundo de criaturas, tal qual “um jardim repleto de plantas e como um lago repleto de peixes” (Monadologia §67). Mesmo a terra e o ar entre as plantas, e a água entre os peixes, contêm plantas e peixes, mas são tão diminutos que não os podemos ver. Assim, no universo não há nada estéril e confuso, exceto aparentemente. A distância, um cardume pode parecer em confuso movimento, mas quando nos aproximamos podemos distinguir cada um dos peixes.

Assim, o que reconhecemos como um corpo vivo pode ser entendido como uma colônia de almas, cada um com sua mônada dominante. Esse corpo vivo está repleto de miríades de outros seres vivos e estes serão as almas em relação aos outros. Todavia, não devemos pensar nos seres inferiores como pertencentes a uma mônada ou alma dominante. Nenhuma alma possui um conjunto de almas menores, compondo seu corpo e a ele pertencendo exclusivamente. Leibniz afirma: “Pois todos os corpos estão em um fluxo perpétuo, como os rios, e partes neles entram e saem continuamente” (Monadologia §

71). Em termos mais exatos, as mônadas estão continuamente se separando de um conjunto e associando-se a outro, de modo que uma alma muda seu corpo continuamente, mas apenas por graus. Uma mônada nunca está inteiramente sem um corpo e, portanto, não há espíritos sem corpos, exceto Deus. Não há nascimento ou morte absolutos, tão-somente desenvolvimento e envolvimento. No nascimento, uma alma-mônada se torna membro de uma colônia de almas e entra, como Leibniz afirma, em um enorme teatro. Esse teatro, então, reflete claramente as mudanças nas mônadas com a qual está intimamente associado. Ao morrer, a colônia se dispersa e a alma-mônada diminui sua influência, por um certo tempo, pelo menos.

vida O estudo das plantas corrobora essa concepção dos corpos. Uma semente possui seu corpo orgânico dentro dela, aguardando desenvolvimento. Sementes e sêmens geram vida durante o nascimento, multiplicam-se e são destruídos, mas aquelas vidas que são concebidas são as eleitas para passar para um teatro maior (cf. Monadologia §75). Ou seja, apenas algumas dentre as sementes das plantas (ou sêmen, dentre os animais) tornam-se a mônada dominante em uma colônia maior. Assim, não só as almas humanas, mas todas as mônadas são indestrutíveis.

Com essa explicação pode-se entender melhor a união da alma e corpo, ou melhor, seu acordo mútuo. Cada um age conforme suas próprias leis, e concordam em virtude da harmonia preestabelecida, tendo em vista que, como todas as substâncias, representam um e o mesmo universo. A união entre a alma e o corpo dos seres humanos é um exemplo do acordo geral entre todas as mônadas criadas. As almas agem conforme a lei das causas finais, por meio de desejos, fins e meios; os corpos agem conforme as leis das causas eficientes ou leis do movimento. Os reinos dessas duas causas agem em harmonia entre si, de modo que possamos dizer que os corpos agem como se não houvesse almas, e estas agem como se não houvesse corpos, e ambos agem influenciando-se mutuamente.

Cidade de Deus As almas racionais, mentes ou espíritos diferem de todas as outras criaturas. Essa diferença não consiste de um dote miraculoso no momento da concepção: aquelas mônadas que foram destinadas a atingir a forma humana contêm, em germe, a razão que um dia irá aflorar. Elas também diferem em razão de que as mentes são imagens do próprio Deus, capazes de conhecer o sistema do universo e de imitá-lo em suas próprias pequenas construções. Assim, os homens podem ter associação com Deus: enquanto Ele é o Criador de todos os seres, para nós Ele é um príncipe e mesmo um pai. A totalidade dos espíritos forma a cidade de Deus, o estado perfeito

sob o perfeito monarca. A cidade de Deus é um mundo moral dentro do mundo natural e constitui a glória divina, pois sem esse mundo Sua grandeza não seria reconhecida e admirada pelos espíritos.

Sua sabedoria e poder manifestam-se em todas as partes, mas Sua bondade se manifesta especialmente em relação a Sua Cidade. Há, assim, harmonia entre o reino da natureza e o reino da graça, entre Deus como arquiteto e Deus como monarca. Assim, as coisas conduzem à graça por meio da natureza. E o governo dos espíritos, nos momentos exigidos, deve destruir e reparar este mundo por meios naturais. Desse modo, Deus como arquiteto satisfaz Deus legislador. Os pecados suportam suas penas pela ordem da natureza, e as nobres ações, suas recompensas. Isso, todavia, nem sempre ocorre imediatamente. Toda boa ação, assim, tem sua recompensa, e todo mal, seu castigo. Tudo funciona para o bem dos bons, isto é, daqueles que cumprem com seu dever e confiam na providência, amando e imitando Deus e alegrando-se na contemplação de Suas perfeições. Isso conduz os sábios e virtuosos a tentar realizar tudo em harmonia com o que parece ser a vontade de Deus e ainda contentar-se com aquilo que atualmente ocorre, sabendo que se pudessem suficientemente entender veriam que tudo excede todos seus desejos e que não poderia ser melhor.

Nota sobre as traduções

Para todas as traduções (exceto a Nota H ao verbete “Rorarius” do Dicionário Histórico e Crítico de Pierre Bayle) tomou-se como texto-base a coletânea de C. I. Gerhardt, *Die Philosophischen Schriften von G. W. Leibniz*, Hildesheim: Olms Verlag, 1978. Para a tradução da *Monadologia* e dos *Princípios da Natureza e da Graça* também consultamos a edição organizada por André Robinet, *G. W. Leibniz: Principes de la Nature et de la Grâce Fondés en Raison et Principes de la Philosophie ou Monadologie*, Paris: PUF, 2002. Também fizemos uso, para a tradução de “Sobre a Origem Fundamental das Coisas”, da edição francesa organizada por Paul Schrecker in *Opusculs Philosophiques choisis*, Paris: Vrin, 1978, e a inglesa integrante da edição *Discourse on metaphysics and other essays*, Hackett Publishing, Indianapolis, 1995, por Daniel Garber e Roger Ariew. Finalmente, o texto de Bayle foi traduzido da edição *Dictionnaire Historique et Critique*, Paris: France Expansion aupelf/cnrs, 1972.

A Monadologia

[1] A Mônada, da qual vamos falar aqui, não é senão uma substância simples, que entra nos compostos. Simples quer dizer sem partes

(Teodiceia § 10).

[2] É necessário que haja substâncias simples, visto que há compostos; pois o composto outra coisa não é que um amontoado ou *aggregatum* dos simples.

[3] Ora, onde não há partes, não há extensão, nem figura nem divisibilidade possíveis. E tais Mônadas são os verdadeiros Átomos da Natureza e, em uma palavra, os Elementos das coisas.

[4] Tampouco há dissolução a temer e não há como se conceber um modo pelo qual uma substância simples possa perecer naturalmente (Teodiceia § 89).

[5] Pela mesma razão, não há modo pelo qual uma substância simples possa começar naturalmente, já que não pode ser formada por composição.

[6] Portanto, pode dizer-se que as Mônadas só podem começar e acabar instantaneamente, isto é, que só podem começar por criação e acabar por aniquilação, ao passo que o composto começa e acaba por partes.

[7] Tampouco há meios de explicar como uma Mônada possa ser alterada ou modificada internamente por qualquer outra criatura, pois nada se lhe pode transpor, nem se pode conceber nela qualquer movimento interno que possa ser excitado, dirigido, aumentado ou diminuído lá dentro, tal como ocorre nos compostos, em que há mudança entre as partes. As Mônadas não possuem janelas através das quais algo possa entrar ou sair. Os acidentes não podem destacar-se, nem passear fora das substâncias, como faziam outrora as espécies sensíveis dos Escolásticos. Assim, nem substância nem acidente podem entrar em uma Mônada a partir do exterior.

[8] Todavia, as Mônadas precisam ter algumas qualidades, do contrário nem mesmo seriam entes. E se as substâncias simples não diferissem por suas qualidades, não haveria modo de apercebermos qualquer modificação nas coisas, já que aquilo que está no composto só pode vir de seus ingredientes simples, e se as Mônadas carecessem de qualidades, seriam indistinguíveis umas das outras, já que também não diferem em quantidade; e, conseqüentemente, suposto o pleno, cada lugar receberia sempre, no movimento, só o Equivalente do que antes havia tido, e um estado de coisas seria indiscernível de outro.

[9] É mesmo necessário que cada Mônada seja diferente de qualquer outra. Pois nunca há, na natureza, dois seres que sejam perfeitamente idênticos e nos quais não seja possível encontrar uma diferença interna, ou fundada em uma denominação intrínseca.

[10] Dou também por aceito que todo ser criado está sujeito à mudança, e, conseqüentemente, também a Mônada criada. E tal mudança é contínua em cada uma delas.

[11] Segue-se, do que acabamos de dizer, que as mudanças naturais das Mônadas provêm de um princípio interno, dado que uma causa externa não pode influir em seu interior (Teodiceia §§ 396; 400).

[12] Contudo, também é necessário que, além do princípio da mudança, haja um detalhe daquilo que muda, que produza, por assim dizer, a especificação e a variedade das substâncias simples.

[13] Esse detalhe deve envolver uma multiplicidade na unidade ou no simples. Como toda mudança natural ocorre gradativamente, alguma coisa sempre muda e outra sempre permanece. Conseqüentemente, é necessário haver pluralidade de afecções e relações na substância simples, embora ela não possua partes.

[14] O estado transitório que envolve e representa uma multiplicidade na unidade, ou na substância simples, outra coisa não é senão o que se denomina Percepção, que se deve distinguir da apercepção ou da consciência, como adiante se verá. Nisso é que os cartesianos se equivocaram, ao desconsiderarem as percepções que não são apercebidas. Isso também os conduz a crer que apenas os Espíritos são Mônadas e que não há Almas dos Irracionais nem outras Enteléquias, e a confundir com o vulgo, um prolongado atordoamento com a morte no sentido estrito, o que, novamente, os conduz erroneamente ao preconceito escolástico das almas completamente separadas e mesmo a confirmar a crença da mortalidade das almas pelos espíritos mal orientados.

[15] A ação do princípio interno que provoca a mudança, ou a passagem de uma percepção a outra, pode ser denominada Apetição. É verdade que o apetite não pode sempre alcançar completamente toda a percepção à qual tende, mas sempre obtém alguma coisa, chegando a percepções novas.

[16] Nós próprios experimentamos uma multiplicidade na substância simples, quando verificamos que o menor pensamento do qual nos apercebemos envolve uma variedade no objeto. Portanto, todos aqueles que reconhecem que a Alma é uma substância simples, devem reconhecer essa multiplicidade na Mônada. E Bayle não deveria, nisso, ter encontrado dificuldade alguma, como encontrou em seu Dicionário, no artigo Rorarius.¹

[17] Ademais, deve-se confessar que a Percepção e aquilo que dela depende é inexplicável por razões mecânicas, isto é, por figuras e mo-

¹Ver texto publicado no *Journal des Savants* de 27 de junho de 1695, p. 449 [*Sistema Novo da Natureza* §6]

vimentos. Imaginando-se que há uma máquina cuja estrutura a faça pensar, sentir e perceber, poder-se-á, guardadas as mesmas proporções, concebê-la ampliada, de sorte que se possa nela entrar como em um moinho. Admitido isso, lá não encontraremos, se a visitarmos por dentro, senão peças impulsionando-se umas às outras, e nada que explique uma percepção. Portanto, essa explicação deve ser procurada na substância simples, e não no composto ou na máquina. Por isso, na substância simples não se pode encontrar nada além disto: percepções e suas modificações. Também só nessas podem consistir todas as Ações internas das substâncias simples.

[18] Poder-se-ia dar o nome de Enteléquia a todas as substâncias simples ou Mônadas criadas, pois contêm em si uma certa perfeição (*ekhousi to entelēs*); e têm uma suficiência (*autarkeia*) que as torna fonte de suas ações internas e, por assim dizer, Autômatos Incorporados (Teodiceia § 87).

[19] Se quisermos denominar Alma a tudo aquilo que possui percepções e apetites no sentido geral que acabo de explicar, todas as substâncias simples ou Mônadas criadas poder-se-iam denominar Almas. Mas, como o sentimento é algo mais que uma simples percepção, concordo que o nome geral de Mônadas e Enteléquias é suficiente para as substâncias simples que só possuem essa percepção e que se denominem Almas somente aquelas cuja percepção é mais distinta e acompanhada de memória.

[20] Pois experimentamos em nós mesmos um estado no qual não nos recordamos de nada e não possuímos qualquer percepção distinta, como quando caímos desfalecidos ou quando sucumbimos em um sono profundo sem sonho. Nesse estado, a Alma não difere sensivelmente de uma simples Mônada; mas, como este estado não é duradouro, e a alma dele emerge, ela é alguma coisa mais (Teodiceia § 64).

[21] Disto absolutamente não se segue que a substância simples exista sem qualquer percepção. Isso é mesmo impossível, pelas razões anteriormente mencionadas; pois nem poderia perecer nem mesmo subsistir sem alguma afecção, que outra coisa não é que sua percepção. No entanto, quando há uma grande quantidade de pequenas percepções em que nada há de distinto, fica-se atordoado, do mesmo modo quando damos, continuamente, muitas voltas em um mesmo sentido, daí sobrevindo uma vertigem que nos pode fazer desmaiar e que não nos permite distinguir coisa alguma. Por um tempo, a morte pode dar esse estado aos animais.

[22] E como todo estado presente de uma substância simples é naturalmente uma continuação de seu estado anterior, assim também o presente está prenhe do futuro (Teodiceia § 360).

[23] Uma vez despertada do atordoamento, [a substância simples] apercebe-se das suas percepções. É necessário havê-las tido imediatamente antes, embora sem percebê-las na ocasião; pois uma percepção não pode naturalmente provir senão de uma outra percepção, assim como um movimento não pode provir senão de um movimento (Teodiceia §§ 401-403).

[24] Donde se vê que, se nada tivéssemos de distinto e, por assim dizer, elevado e de um mais alto gosto em nossas percepções, permaneceríamos em constante atordoamento. E esse é o estado das Mônadas nuas.

[25] Vemos, também, que a Natureza dotou os animais de percepções elevadas, pelos cuidados que teve em dotá-los de órgãos que recolham vários raios de luz ou várias vibrações de ar, para os tornar mais eficazes pela sua união. Há algo semelhante no olfato, no paladar, no tato e, quiçá, em muitos outros sentidos que nos são desconhecidos. Em breve explicarei como o que ocorre na Alma representa o que acontece nos órgãos.

[26] A memória fornece uma espécie de Consecução às Almas, que imita a razão, mas que dela deve distinguir-se. É o que vemos quando os animais, tendo a percepção de alguma coisa que os incomoda e de que antes tiveram uma percepção semelhante, aguardam, pela representação de sua memória, que ocorra outra coisa que esteve unida à percepção anterior e se sentem impelidos a experimentar os mesmos sentimentos que experimentaram anteriormente. Por exemplo, se a um cachorro mostra-se um pau, recorda-se da dor que este lhe causou, late e corre (Teodiceia Discurso Preliminar § 65).

[27] A imaginação forte, que os incomoda e agita, provém quer da magnitude quer do número das percepções precedentes. Pois, frequentemente, uma impressão forte produz subitamente o efeito de um velho hábito ou o de muitas percepções fracas reiteradas.

[28] Os homens agem como os irracionais, na medida em que as consecuições de suas percepções apenas se executam com base na memória, assemelhando-se a médicos empíricos, que só possuem a prática sem a teoria. E somos exclusivamente empíricos em três quartas partes das nossas ações. Por exemplo: quando se espera que haja dia amanhã, age-se como Empirista, pelo fato de que, sempre, até hoje, ter sido assim. Só o astrônomo julga segundo a razão (Teodiceia Discurso Preliminar §65).

[29] Mas o conhecimento das verdades necessárias e eternas é o que nos distingue dos simples animais e nos faz possuidores da Razão e das ciências, nos elevando a um conhecimento de nós mesmos e de Deus. É isso que, em nós, denomina-se Alma Racional ou Espírito.

[30] É ainda pelo conhecimento das verdades necessárias e pelas suas abstrações que somos elevados aos atos de reflexão, que nos fazem pensar no que se chama Eu e a considerar que isto ou aquilo está em nós. E assim, ao pensar em nós mesmos, pensamos no Ser, na Substância, no simples e no composto, no imaterial e mesmo em Deus, concebendo como aquilo que em nós é limitado, n'Ele é sem limites. E tais atos de reflexão nos dão os objetos principais de nossos raciocínios (Teodiceia Prefácio).

[31] Nossos raciocínios fundamentam-se em dois grandes princípios: o da contradição, em virtude do qual consideramos falso o que envolve contradição, e verdadeiro aquilo que é oposto ou contraditório ao falso (Teodiceia §§ 44; 169).

[32] E o de Razão suficiente, em virtude do qual consideramos que nenhum fato possa ser tomado como verdadeiro ou existente, tampouco nenhum Enunciado [possa ser considerado] verdadeiro, sem que haja uma razão suficiente para que assim seja e não de outro modo, ainda que, na maioria das vezes, essas razões não possam ser conhecidas por nós (Teodiceia §§ 44; 196).

[33] Também há dois tipos de Verdades: as de Razão e as de Fato. As verdades de Razão são necessárias, e seu oposto é impossível; e as de Fato são contingentes, e seu oposto, possível. Quando uma verdade é necessária pode encontrar-se-lhe a razão por meio da Análise, decompondo-a em ideias e verdades mais simples, até alcançar as primitivas (Teodiceia §§ 170, 174, 189, 280-282, 367, Resumo 3ª Objeção).

[34] É assim que, entre os matemáticos, os Teoremas de especulação e os Cânones da prática são reduzidos pela análise a Definições, Axiomas e Postulados.

[35] E há, enfim, ideias simples, cuja definição não se pode dar; há também Axiomas e Postulados ou, em uma expressão, princípios primitivos que não podem ser provados e que, aliás, não têm necessidade disso; são os Enunciados idênticos, cuja oposição envolve uma contradição expressa.

[36] Mas a razão suficiente deve encontrar-se também nas verdades contingentes ou de fato, isto é, na sequência das coisas dispersas pelo universo das Criaturas, em que a resolução em razões particulares poderia alcançar um número ilimitado de detalhes, por causa da variedade imensa das coisas na Natureza e da divisão dos corpos ao infinito. Há uma infinidade de figuras e de movimentos presentes e passados que entram na causa eficiente do meu [ato] presente de escrever; e há uma infinidade de pequenas inclinações e disposições de minha alma, presentes e passadas, que entram na causa final (Teodiceia §§ 36; 37; 44; 45; 49; 52; 121; 122; 337; 340; 344).

[37] E como todo esse detalhe só envolve outros contingentes anteriores ou mais detalhados, cada um dos quais necessita, ainda, de uma Análise semelhante para lhe dar a razão, não nos encontramos mais avançados; e é preciso que a razão suficiente ou última esteja fora da sequência ou séries desse detalhe das contingências, ainda que seja infinita.

[38] E, assim, a razão última das coisas deve estar em uma substância necessária, na qual o detalhe das mudanças só esteja eminentemente, como em sua origem; e isto é o que denominamos Deus (Teodiceia § 7).

[39] Ora, sendo essa substância uma razão suficiente de todo esse detalhe, que também está vinculado em toda parte, só há um Deus, e esse Deus é suficiente.

[40] Podemos também julgar que essa substância suprema, que é única, universal e necessária, nada havendo fora dela que lhe seja independente, e que é uma simples consequência do ser possível, deve ser incapaz de limites e há de conter tanta realidade quanto possível.

[41] Disso se segue que Deus é absolutamente perfeito, não sendo a perfeição outra coisa senão a grandeza da realidade positiva tomada de forma precisa, excluindo-se os limites ou restrições nas coisas que os têm. E onde não há limites, ou seja, em Deus, a perfeição é absolutamente infinita (Teodiceia § 22, Teodiceia Prefácio).

[42] Segue-se, também, que as criaturas devem suas perfeições à influência de Deus, mas suas imperfeições à sua própria natureza, incapaz de ser sem limites. Nisso é que se distinguem de Deus. Essa imperfeição original das criaturas observa-se na inércia natural dos corpos (Teodiceia §§ 20, 27-31, 153, 167, 377 ss. Resumo 5ª Objeção).

[43] Também é verdade que em Deus está não só a fonte das existências, mas também a das essências, como reais, ou do que há de real na possibilidade. Isso porque o Entendimento de Deus é a Região das verdades eternas ou das ideias de que elas dependem, e que sem ele nada haveria de real nas possibilidades e não só nada haveria de existente, mas ainda nada de possível (Teodiceia § 20).

[44] É necessário que, se há uma realidade nas Essências ou possibilidades ou, então, nas verdades eternas, essa realidade esteja fundada em algo existente e atual; e, por conseguinte, na existência do Ser necessário, em que a Essência contém a existência ou no qual é suficiente ser possível para ser atual (Teodiceia §§ 184; 189; 335).

[45] Assim, só Deus (ou o Ser Necessário) possui tal privilégio: se Ele é possível, tem de existir. E como nada pode impedir a possibili-

dade daquilo que não tem quaisquer limites, qualquer negação e, por conseguinte, qualquer contradição, isso é suficiente para que conheçamos *a priori* a existência de Deus. Nós a demonstramos também pela realidade das verdades eternas. Mas acabamos, também, de prová-la *a posteriori*, uma vez que existem seres contingentes, os quais não podem ter sua razão última ou suficiente senão no ser necessário, que tem em si mesmo a razão de sua existência.

[46] Todavia, não se deve imaginar, como alguns, que, sendo as Verdades Eternas dependentes de Deus, sejam elas arbitrárias e dependam de Sua vontade, como parece haver pensado Descartes e, depois dele, o senhor Poiret.² Isso só é verdadeiro com relação às verdades contingentes, cujo princípio é a conveniência ou a escolha do melhor; ao passo que as verdades necessárias dependem unicamente do entendimento divino e constituem o seu objeto interno (Teodiceia §§ 180–184; 185; 335; 351; 380).

[47] Assim, apenas Deus é a unidade primitiva, ou substância simples originária da qual todas as Mônadas criadas ou derivadas são produções e nascem, por assim dizer, por Fulgurações contínuas da Divindade de momento em momento, limitadas pela receptividade da criatura, à qual é essencial ser limitada (Teodiceia §§ 382–391, 395, 398).

[48] Há em Deus a Potência que é a fonte de tudo; a seguir, o Conhecimento, que contém o detalhe das ideias; e, por último, a Vontade, que efetua as mudanças ou produções segundo o princípio do melhor. E é isso que corresponde ao que, nas Mônadas criadas, constitui o sujeito ou a base, a Faculdade Perceptiva e a Faculdade Apetitiva. Contudo, em Deus esses atributos são absolutamente infinitos ou perfeitos; e nas Mônadas criadas ou nas Enteléquias (ou *perfectihabies*, como Hermolaus Barbarus assim traduziu esta palavra), só são imitações proporcionais à perfeição nelas contida (Teodiceia §§ 7; 87; 149; 150).

[49] Diz-se que a criatura age exteriormente na medida em que possui perfeição; e que padece de uma outra na medida em que é imperfeita. Assim, atribui-se a Ação à Mônada enquanto tem percepções distintas; e paixão, enquanto as tem confusas (Teodiceia §§ 32; 66; 386).

[50] E uma Criatura é mais perfeita do que outra quando nela se encontra aquilo que proporciona a razão *a priori* do que se passa na outra, e por isso se diz que ela age sobre a outra.

[51] Entretanto, nas substâncias simples não há senão uma influência ideal de uma Mônada sobre outra, que não pode ter efeito a não ser

²*Journal des Savants*, p. 446 [Sistema Novo da Natureza §3]

por intervenção de Deus, enquanto, nas Ideias de Deus, uma Mônada solicita, com razão, que Deus, ao regular as outras desde o começo das coisas, a considere. Já que uma Mônada criada não pode ter uma influência física no interior de outra, só por esse meio uma pode estar dependente da outra (Teodiceia §§ 9; 54; 65; 66; 201; Resumo 3ª Objeção).

[52] E é por isso que entre as Criaturas as Ações e as Paixões são mútuas. Pois Deus, comparando duas substâncias simples, encontra em cada uma delas razões que O obrigam a acomodá-las uma à outra e, por conseguinte, o que é ativo sob certos aspectos, é passivo sob outro ponto de vista: ativo enquanto o que nele se conhece distintamente serve para explicar o que se passa em outro; e passivo enquanto a razão do que nele se passa se encontra no que se conhece distintamente em outro (Teodiceia §66).

[53] Ora, como há uma infinidade de Universos possíveis nas Ideias de Deus e apenas um único pode existir, tem de haver uma razão suficiente da escolha de Deus, que O determina a um em vez de outro (Teodiceia §§ 8; 10; 44; 173; 196 ss; 225; 414-416).

[54] E esta razão só pode encontrar-se na conveniência ou nos graus de perfeição que esses mundos contêm, cada possível tendo o direito de pretender a Existência em proporção à perfeição que envolver (Teodiceia §§ 74; 130; 167; 201; 345 ss; 350; 352; 354).

[55] E essa é a causa da Existência do melhor, que Deus conhece pela Sua sabedoria, escolhe pela Sua bondade e produz pelo Seu poder (Teodiceia §§ 8; 78; 80; 84; 119; 204; 206; 208; Resumo 1ª Objeção; 8ª Objeção).

[56] Ora, esse vínculo ou essa acomodação de todas as coisas criadas a cada uma, e de cada uma a todas as outras, faz com que cada substância simples tenha relações que exprimem todas as outras e seja, por conseguinte, um perpétuo espelho vivo do universo (Teodiceia §§ 130, 360).

[57] E assim como uma mesma cidade, observada de diferentes lados, parece outra e se multiplica em perspectivas, assim também ocorre que, pela quantidade infinita de substâncias simples, parece haver outros tantos universos diferentes, os quais não são, todavia, senão perspectivas de um só, segundo os diferentes pontos de vista de cada Mônada (Teodiceia § 147).

[58] E esse é o meio de se obter tanta variedade quanto possível, mas com a maior ordem, ou seja, é o meio de obter tanta perfeição quanto se possa (Teodiceia §§ 120, 124, 214, 241-243, 275).

[59] Também só essa hipótese – que ousou dizer demonstrada – exalta, como é devido, a grandeza de Deus. Isso o senhor Bayle reconheceu

quando formulou objeções em seu Dicionário – artigo Rorarius –, no qual ficou mesmo tentado a crer que eu concedia demasiado a Deus, e mais do que é possível. Entretanto, não pôde alegar nenhuma razão pela qual essa harmonia universal, que faz com que toda substância exprima exatamente todas as outras pelas relações nelas contidas, fosse impossível.

[60] Vêem-se, no que acabo de dizer, as razões *a priori* pelas quais não podem as coisas suceder de outro modo. Pois Deus, ao regular o todo, levou em conta cada parte e especialmente cada Mônada, cuja natureza, sendo representativa, nada poderia limitar a representar de apenas uma parte das coisas, embora seja verdade que essa representação é confusa apenas nos detalhes de todo universo, e não pode ser distinta senão em uma pequena parte das coisas, ou seja, naquelas que são as mais próximas ou as maiores, com relação a cada Mônada; de outro modo, cada Mônada seria uma Divindade. As Mônadas são limitadas não no objeto, mas na modificação do conhecimento do objeto. Todas, confusamente, tendem para o infinito, para o todo; no entanto, são limitadas e diferenciadas pelos graus das percepções distintas.

[61] E os compostos, nisto, simbolizam os simples. Pois como tudo é pleno, o que torna toda a matéria ligada, e como no pleno todo movimento produz algum efeito sobre os corpos distantes, proporcional à distância, de tal sorte que cada corpo é afetado não somente pelos que o tocam e se ressentem, de certo modo, de tudo o que lhes acontece, mas também por meio deles se ressentem dos que tocam os primeiros, pelos quais é imediatamente tocado; segue-se que essa comunicação transmite-se a qualquer distância. E, por conseguinte, todo corpo se ressentem de tudo que se faz no universo, de tal modo que Aquele que tudo vê poderia ler em cada um o que se faz em toda parte e até o que foi ou será feito, observando no presente o que está afastado tanto nos tempos como nos lugares; *sympnoia panta* (tudo conspira), dizia Hipócrates. Contudo, uma alma não pode ler em si mesma senão aquilo que está nela representado distintamente, e não poderia subitamente desenvolver todas as suas dobras, pois vão ao infinito.

[62] Assim, embora cada Mônada criada represente todo o universo, representa mais distintamente o corpo que particularmente lhe está afeto e de que constitui a Enteléquia; e como este corpo exprime todo o universo, pela conexão de toda a matéria no pleno, a Alma representa também todo o universo ao representar esse corpo que lhe pertence de modo particular (Teodiceia § 400).

[63] O corpo pertencente a uma Mônada, que é a sua Enteléquia ou Alma, constitui com a Enteléquia o que se pode denominar um vivente, e com a Alma, aquilo que se pode denominar um Animal. Ora,

esse corpo de um vivente ou de um Animal é sempre orgânico, pois, sendo toda Mônada um espelho do universo, a seu modo, e achando-se o universo regulado numa perfeita ordem, tem de haver também uma ordem no representante, ou seja, nas percepções da Alma, e, por conseguinte, no corpo, por intermédio do qual o universo está representado [na Alma] (Teodiceia § 403).

[64] Assim, cada corpo orgânico de um vivente é uma espécie de Máquina Divina ou Autômato Natural, que excede infinitamente todos os Autômatos Artificiais. Porque uma máquina feita pela arte humana não é máquina em cada uma das suas partes. Por exemplo, o dente da roda de latão possui partes ou fragmentos que já não são, para nós, algo artificial nem possui nada característico de máquina com relação ao uso a que a roda estava destinada. No entanto, as Máquinas da Natureza, ou seja, os corpos vivos, são ainda máquinas nas suas partes mínimas, até ao infinito. Nisso consiste a diferença entre a Natureza e a Arte; ou seja, entre a Arte Divina e a nossa (Teodiceia §§ 134, 146, 194, 403).

[65] E o Autor da Natureza pôde praticar este divino e infinitamente maravilhoso artifício porque cada parte da matéria não só é divisível ao infinito, como reconheceram os antigos, senão que está atualmente subdividida sem-fim, cada parte em partes, cada uma delas tendo um movimento próprio. De outro modo seria impossível que cada porção da matéria pudesse exprimir todo o universo (Teodiceia Discurso Preliminar § 70; Teodiceia § 195).

[66] Por onde se vê que há um mundo de criaturas, de viventes, de Animais, de Enteléquias, de Almas nas mínimas partes da matéria.

[67] Cada porção da matéria pode ser concebida como um jardim repleto de plantas e como um lago repleto de peixes. Porém, cada ramo de planta, cada membro de animal, cada gota de seus humores é ainda um jardim ou um lago.

[68] E, embora a terra e o ar, interpostos entre as plantas do jardim, ou a água interposta entre os peixes do lago, não sejam planta nem peixe, contêm, não obstante, algo deles; porém, quase sempre com uma sutileza a nós imperceptível.

[69] Assim não há nada inculto, estéril e morto no universo; nem caos nem confusão, senão em aparência; mais ou menos como em um lago, a certa distância, se veria um movimento confuso e, por assim dizer, uma agitação de peixes, sem que se discernissem os próprios peixes (Teodiceia Prefácio).

[70] Vê-se, pois, que cada corpo vivo tem uma Enteléquia dominante, que no animal é a Alma; porém, os membros desse corpo vivo estão cheios de outros viventes, plantas, animais, cada qual, ainda, com

sua Enteléquia ou sua alma dominante.

[71] Todavia não se deve imaginar, como fazem alguns que interpretaram mal meu pensamento, que cada alma possui uma massa ou porção de matéria própria, ou a ela vinculada para sempre, e que possui, por conseguinte, outros viventes inferiores destinados sempre ao seu serviço. Todos os corpos estão em um fluxo perpétuo, como os rios, e partes neles entram e saem continuamente.

[72] Assim, a Alma só muda de corpo pouco a pouco e gradativamente, tanto que nunca é despojada subitamente de todos os seus órgãos; frequentemente há Metamorfose nos animais, porém, nunca Metempsicose nem Transmigração das Almas; nem tampouco há Almas inteiramente separadas nem Gênios sem corpos. Só Deus está inteiramente desprovido de qualquer corpo (Teodiceia §§ 90; 124).

[73] É o que faz, também, com que nunca haja nem geração inteira nem morte perfeita, no sentido estrito da separação da alma. E o que denominamos Gerações são desenvolvimentos e acréscimos, e o que denominamos Mortes são envolvimento e diminuições.

[74] Os filósofos têm tido grandes embaraços diante da questão da origem das formas, Enteléquias ou Almas; contudo hoje, quando se apercebeu, por investigações exatas realizadas em plantas, insetos e animais, que os corpos orgânicos da natureza nunca são produtos de um Caos ou de uma putrefação, mas sempre de sementes, nas quais havia, sem dúvida, certa preformação, julgou-se que não só o corpo orgânico nelas se encontrava antes da concepção, como também já havia uma alma nesse corpo e, em uma palavra, o próprio animal. E que, por meio da concepção, esse animal foi apenas disposto a uma grande transformação para se tornar um animal de outra espécie. Vê-se mesmo algo semelhante fora da geração, como quando as larvas se tornam moscas, e as lagartas, borboletas (Teodiceia Prefácio; Teodiceia §§ 86; 89; 90; 187; 188; 397; 403).

[75] Os animais, alguns dos quais são elevados ao grau de animais maiores por meio da concepção, podem denominar-se espermáticos; porém, os que permanecem em sua espécie, isto é, a maior parte deles, nascem, multiplicam-se e são destruídos como os grandes animais, e só um pequeno número de eleitos passa para um teatro maior.

[76] Mas isso é somente meia-verdade; pois julguei que se o animal nunca começa naturalmente, tampouco acaba naturalmente e não só jamais haverá geração, como tampouco destruição completa, nem morte, no sentido rigoroso. E esses raciocínios, feitos *a posteriori* e extraídos das experiências, concordam perfeitamente com meus princípios deduzidos *a priori*, como acima (T. § 90).

[77] Assim pode-se afirmar que não só a Alma (espelho de um universo indestrutível) é indestrutível, mas também o próprio animal, ainda que com frequência sua máquina pereça parcialmente e abandone ou tome despojos orgânicos.

[78] Esses princípios deram-me meios de explicar naturalmente a união, ou melhor, a conformidade da Alma e do corpo orgânico. Segue a Alma suas próprias leis e o corpo também as suas, e se ajustam em virtude da harmonia preestabelecida entre todas as substâncias, pois todas elas são representações de um mesmo universo (Teodiceia Prefácio; Teodiceia §§ 340; 352; 353; 358).

[79] As Almas agem segundo as leis das causas finais, por apetições, fins e meios. Os corpos agem segundo as leis das causas eficientes ou dos movimentos. E ambos os reinos, o das causas eficientes e o das causas finais, são harmônicos entre si.

[80] Descartes reconheceu que as almas não podem conferir força aos corpos, porque há sempre a mesma quantidade de força na matéria. Todavia, acreditou que a Alma podia mudar a direção dos corpos. Isso porque, em seu tempo, ainda não se conhecia a lei da natureza segundo a qual se conserva a mesma direção total na matéria. Se Descartes a conhecesse, cairia no meu Sistema da Harmonia preestabelecida (Teodiceia Prefácio; Teodiceia §§ 22; 59-61; 63; 66; 345; 346 ss; 354-355).

[81] Esse sistema faz com que os corpos atuem como se (embora seja impossível) não houvesse Almas; as Almas, como se não houvesse corpos; e ambos, como se um influísse no outro.

[82] Quanto aos Espíritos ou Almas Racionais, embora eu acredite que no fundo há o mesmo em todos os viventes e animais, como acabamos de dizer (a saber: que o animal e a Alma não começam senão com o mundo e só com o mundo acabam), há, entretanto, isto de particular nos animais racionais: que seus pequenos animais espermáticos, enquanto são apenas isso, têm só almas ordinárias ou sensitivas; entretanto, desde que aqueles, os eleitos, por assim dizer, alcançam, mediante concepção atual, a natureza humana, suas almas sensitivas são elevadas ao grau da razão e à prerrogativa dos Espíritos (Teodiceia §§ 91; 397).

[83] Entre outras diferenças que há entre as Almas ordinárias e os Espíritos, algumas das quais já indiquei, há esta outra: que as Almas em geral são espelhos vivos ou imagens do universo das criaturas; porém, os Espíritos são, ainda, imagens da própria Divindade ou do próprio Autor da Natureza, capazes de conhecer o sistema do Universo e de imitar algo dele por intermédio de amostras arquitetônicas, sendo cada Espírito como uma pequena divindade em seu domínio (Teodiceia § 147).

[84] Isso é que torna os Espíritos capazes de entrar em uma espécie de Sociedade com Deus. E que Deus, em relação a eles, está não só como um inventor para sua máquina (como Deus está em relação às outras criaturas), mas ainda como um príncipe está em relação aos seus súditos e mesmo como um pai para seus filhos.

[85] Donde facilmente se conclui que a reunião de todos os Espíritos deve compor a Cidade de Deus, isto é, o mais perfeito estado possível sob o mais perfeito dos Monarcas (Teodiceia § 146; Resumo 2ª Objeção).

[86] Essa Cidade de Deus, essa Monarquia verdadeiramente universal, é um Mundo Moral no Mundo Natural, e o que de mais elevado e mais divino há nas obras de Deus. E nisso consiste, verdadeiramente, a glória de Deus, pois Ele nunca a teria, se Sua grandeza e bondade não fossem conhecidas e admiradas pelos Espíritos; é também com relação a essa cidade divina, que Ele tem propriamente bondade, ao passo que Sua sabedoria e Seu poder em tudo se manifestam.

[87] Como estabelecemos acima uma Harmonia perfeita entre dois Reinos Naturais, um das causas Eficientes, outro das Finais, devemos notar aqui, ainda, uma outra harmonia entre o reino físico da Natureza e o Reino Moral da Graça, isto é, entre Deus considerado Arquiteto da Máquina do universo e Deus considerado Monarca da Cidade divina dos Espíritos (Teodiceia §§ 62; 74; 112; 118; 130; 247; 248).

[88] Essa harmonia faz com que as coisas sejam conduzidas à graça pelos próprios caminhos da natureza, e que este globo, por exemplo, deva ser destruído e reparado pelas vias naturais nos momentos requeridos pelo governo dos Espíritos, para o castigo de uns e a recompensa de outros (Teodiceia §§ 18 ss; 110; 244-245; 340).

[89] Pode-se dizer, ainda, que Deus como Arquiteto em tudo satisfaz a Deus como Legislador. E, assim, os pecados devem carregar consigo sua penitência, em relação à ordem da natureza e em virtude da estrutura mecânica das coisas; da mesma maneira que as belas ações atraem suas recompensas por vias mecânicas, com relação aos corpos, ainda quando isso não possa nem deva acontecer sempre imediatamente.

[90] Enfim, sob esse governo perfeito não haverá boa Ação sem recompensa nem má sem castigo; e tudo deve resultar para o bem dos bons, quer dizer, dos que não estão descontentes no grande Estado, dos que confiam na providência, após haver cumprido com seu dever e que amam e imitam, como é devido, o Autor de todo bem, alegrando-se na contemplação de suas perfeições segundo a natureza do puro amor verdadeiro, que nos faz ter prazer com a felicidade do amado. Isso é o que faz trabalhar as pessoas sábias e virtuosas em tudo quanto parece conforme à vontade divina presuntiva ou an-

tecedente, e contentar-se, todavia, com aquilo que Deus faz acontecer efetivamente, por Sua vontade secreta, conseqüente e decisiva, reconhecendo que se pudéssemos compreender bem a ordem do Universo, acharíamos que ele excede todos os anseios dos mais sábios e que é impossível torná-lo melhor do que é. Isso se dá não só para o todo em geral, mas ainda para nós mesmos em particular, se estamos vinculados, como devemos, ao Autor de tudo, não só como Arquiteto e causa eficiente do nosso ser, mas também como nosso Mestre e causa final, que deve constituir toda a meta de nossa vontade e que nos pode apenas trazer a felicidade (Teodiceia Prefácio; Teodiceia §§ 134 *in fini*; 278).

Princípios da Natureza e da Graça

[1] A substância é um Ser capaz de Ação; ela é simples ou composta. A substância simples é aquela que não possui partes. A substância composta é uma reunião de substâncias simples ou Mônadas. *Monas* é uma palavra grega que significa unidade ou aquilo que é único. Os compostos ou corpos são multiplicidades, e as substâncias simples – os Espíritos, as Almas, as Existências – são unidades. E deve haver substâncias simples por toda a parte, pois sem o simples não haveria compostos; e, por isso, a totalidade da natureza está repleta de vida.

[2] As Mônadas, por não possuírem partes, jamais podem ser feitas ou desfeitas. Elas não podem começar ou terminar naturalmente e, portanto, continuarão existindo enquanto durar o universo, que passa por mudanças, mas jamais será destruído. Elas não podem ter formas, pois, de outro modo, possuiriam partes: e, por conseqüência, uma Mônada em si mesma e em um instante não pode ser diferenciada de uma outra exceto por suas qualidades e ações internas, as quais não podem ser outra coisa que suas percepções (ou seja, as representações dos compostos, ou do que é externo, no simples) e suas apetições (isto é, suas tendências de moverem-se de uma percepção a outra), que são os princípios da mudança. Pois a simplicidade de uma substância não exclui de modo algum uma multiplicidade das modificações que devem se encontrar juntas em uma substância simples; e essas modificações devem consistir em uma variedade de relações a coisas externas a ela – tal qual o modo como em um centro ou em um ponto, embora seja completamente simples, encontra-se uma infinidade de ângulos formados nas linhas que nele se interceptam.

[3] Na natureza tudo está repleto. Há substâncias simples por toda parte, verdadeiramente separadas umas das outras por suas próprias ações, que continuamente alteram suas relações. Cada substância simples, ou Mônada individual, que forma o centro de uma substância

composta (como de um animal, por exemplo) bem como o princípio de sua unidade, está rodeada por uma massa constituída por uma infinidade de outras Mônadas que constituem o próprio corpo daquela Mônada central, conforme as afecções, em que ela representa, como em uma espécie de centro, as coisas que estão em seu exterior. E esse corpo é orgânico quando forma um tipo de Autônomo ou Máquina da Natureza, que é máquina não apenas em sua inteireza, mas também em suas menores partes que se fizerem notar. E, por causa da plenitude do mundo, tudo está vinculado, e cada corpo atua, em grande ou pequeno grau, sobre cada outro corpo, aproximadamente conforme a distância, e é, reciprocamente, afetado; por conseguinte, segue-se que cada Mônada é um espelho vivo ou um espelho dotado de atividade interna, representando o universo de acordo com seu próprio ponto de vista, e, por isso, também ordenando o universo por si mesma. As percepções das Mônadas nascem uma das outras por intermédio das leis do apetite ou das causas finais do Bem e do Mal (que consistem em percepções notáveis, ordenadas ou desordenadas), tal como as alterações dos corpos e os fenômenos externos nascem uns dos outros pelas leis das causas eficientes, ou seja, dos movimentos. Assim, há uma perfeita harmonia entre as percepções da Mônada e os movimentos dos corpos, preestabelecida inicialmente entre o sistema de causas eficientes e aquele das causas finais. E é naquela harmonia que consiste a concordância e união física entre a Alma e o corpo, sem que nenhum deles seja capaz de alterar as leis do outro.

[4] Cada Mônada, com um corpo específico, forma uma substância viva. Consequentemente, não apenas há vida em toda parte, junto aos membros ou órgãos, mas também há uma infinidade de níveis entre as Mônadas, algumas delas dominando outras. Mas quando os órgãos de uma Mônada estão ajustados de tal modo que por meio deles destacam-se e distinguem-se das impressões que recebem e, consequentemente, das percepções que as representam (como, por exemplo, quando os raios da luz são concentrados de modo que expressem os humores do olho e então funcionem com mais robustez), isso pode equivaler a um sentimento, quer dizer, uma percepção acompanhada por uma memória – isto é, de que um certo eco perdura por um longo período e se faz ouvir em circunstâncias apropriadas. Uma tal coisa viva é denominada animal, bem como sua Mônada é denominada Alma. E quando esta Alma está no nível da razão, é algo muito mais sublime, e nós a incluímos na categoria dos Espíritos, como explicaremos a seguir. Mas às vezes os animais são simples coisas vivas e suas Almas são simples Mônadas. Isso quando suas percepções não são suficientemente nítidas para ser lembradas, como ocorre durante um profundo sono sem sonhos ou durante a perda da consciência. Mas quando as percepções nos animais tornam-se inteiramente

confusas, elas necessariamente tornam a elucidar-se, por razões que darei posteriormente (§ 12). Assim, é importante fazer a distinção entre percepção, que é o estado interno de uma Mônada que representa as coisas externas, e apercepção, que é a consciência ou o conhecimento reflexivo daquele estado interno. A apercepção não é dada a todas as almas, bem como não é dada sempre à mesma Alma. Em virtude da ausência dessa distinção, os cartesianos equivocaram-se ao considerar as percepções não percebidas como nada, tal como muitos consideram os corpos imperceptíveis como nada. E isso foi o que levou os mesmos cartesianos a crer que somente os Espíritos são Mônadas, que não há Almas nos animais e, menos ainda, quaisquer outros Princípios de Vida. Os cartesianos feriram muito a ordinária crença popular ao rejeitar todo sentimento aos animais. Mas, pelo contrário, concordaram com o preconceito vulgar ao confundir um longo entorpecimento resultante de uma grande desordem de percepções com a morte *stricto sensu*, na qual todas as percepções cessariam. Isso confirma a infundada opinião da destruição de determinadas Almas, bem como a opinião equivocada de alguns pretensos espíritos vigorosos que têm negado a imortalidade das nossas próprias Almas.

[5] Há uma concatenação nas percepções dos animais, o que possui alguma analogia com a razão. Mas ela está baseada somente na memória de fatos ou efeitos e de modo algum no conhecimento das causas. Isso é o que ocorre quando um cão foge de uma vara com a qual foi surrado, porque a memória representa a dor que essa lhe causou. E os seres humanos, na medida em que são empíricos – o que significa dizer em três quartos do que realizam –, atuam como animais. Por exemplo, aguarda-se o diário nascer do Sol porque assim sempre se experimentou; somente um astrônomo prevê isso racionalmente. E mesmo sua predição um dia demonstrar-se-á errada, quando a causa do nascer do Sol, que não é eterna, cessar. Mas o raciocínio verdadeiro depende de verdades necessárias ou eternas, tais como aquelas da Lógica, dos Números e da Geometria, que estabelecem indubitáveis conexões entre ideias e conclusões que são infalíveis. Os animais, nos quais tais conclusões nunca são percebidas, denominam-se brutos; mas aqueles que reconhecem tais verdades necessárias são o que justificadamente denominamos animais racionais, e suas Almas denominam-se Espíritos. Essas Almas são capazes de atos de reflexão e de considerar o que denominamos Eu, Substância, Alma ou Espírito: em uma palavra, as coisas e as verdades imateriais. E isso é o que nos torna capazes de ciência ou do conhecimento demonstrativo.

[6] As investigações dos modernos têm mostrado, e a razão confirmado, que as coisas vivas, cujos representantes conhecemos, isto é, as plantas e os animais, não surgem da putrefação ou do caos, como os antigos acreditavam, mas de sementes pré-formadas e, portanto,

da transformação de seres vivos preexistentes. Há pequenos animais nas sementes dos grandes, que por meio de um processo de concepção assumem um novo envoltório do qual se apropriam e que lhes dá os meios de alimentar-se e crescer, a fim de passar para uma grande etapa e assim reproduzir o animal maior. As almas dos animais humanos espermáticos não são racionais, e assim não se tornam até que a concepção determine uma natureza humana para tais animais. E, exatamente como, em geral, os animais não se originam inteiramente do ato da sua concepção ou geração, também não chegam inteiramente a um fim que denominamos morte; pois é apenas razoável que o que não se inicia naturalmente tampouco deva ter fim na ordem da natureza. E assim, livrando-se de suas cascas ou das gas-tas pelagens, eles meramente retornam a uma etapa mais sutil na qual, não obstante, podem estar tão perceptíveis e ordenados como estavam na etapa maior. E o que dissemos a respeito dos grandes animais, também se aplica à geração e morte dos próprios animais espermáticos; quer dizer, desenvolvem-se de outros animais espermáticos ainda menores, em relação aos quais são maiores; pois na natureza tudo continua infinitamente. Assim, não apenas as Almas, como também os animais, são ingênitos e imperecíveis; eles são somente desenvolvidos e envolvidos, recobertos e despidos, transformados. As almas nunca abandonam seu corpo totalmente e nunca passam de um corpo para outro que lhes seja inteiramente novo. Por isso, não há metempsicose, mas, sim, metamorfose. Os animais transformam-se, meramente assumindo e abandonando partes: isso ocorre pouco a pouco, em diminuto, por etapas imperceptíveis, porém de maneira contínua no processo de nutrição. E ocorre de repente, de modo notável, embora raramente, na concepção ou na morte, quando obtêm ou perdem grande quantidade de maneira súbita.

[7] Até o momento falamos apenas no plano da investigação física; agora devemos nos elevar à Metafísica, utilizando-nos de um grande princípio, não muito extensamente usado, que afirma que nada acontece sem uma razão suficiente; isto é, que nada ocorre sem que seja possível, para aquele que conhece as coisas muito bem, fornecer uma razão suficiente para a determinação do porquê as coisas serem assim e não de outra maneira. Dado esse princípio, a primeira questão que colocamos é: por que há alguma coisa em vez do nada? Afinal, o nada é mais simples e fácil do que alguma coisa. E, ademais, mesmo que assumamos que as coisas devam existir, devemos ser capazes de dar uma razão para que existam desta maneira e não de uma outra.

[8] Ora, a razão suficiente para a existência do Universo nunca pode ser encontrada na série de coisas contingentes, isto é, nos corpos e em suas representações nas Almas. Porque a matéria, nela própria, é indiferente ao movimento ou ao repouso, ou a este movimento ou àquele. Portanto, não poderíamos achar na matéria uma razão para

o movimento e menos ainda para qualquer movimento em particular. E desde que qualquer movimento que se encontra na matéria no presente vem de um movimento prévio, e este também de um outro anterior, não avançaremos muito se assim procedermos interminavelmente, pois a mesma questão sempre permanecerá. Portanto, a razão suficiente, que não necessita de qualquer razão adicional, deve situar-se fora daquela série de coisas contingentes e deve encontrar-se em uma substância que é a causa das séries: deve situar-se em um Ser necessário, que traz em si a razão de sua própria existência. Do contrário, ainda continuaríamos a não possuir uma razão suficiente na qual poderíamos finalizar. E a razão final para as coisas é o que denominamos Deus.

[9] Essa substância simples e originária deve conter eminentemente as perfeições que estão contidas nas substâncias derivadas que constituem seus efeitos. Assim, conterá o poder, o conhecimento e a vontade perfeitos; em outras palavras, será essa substância onipotente, onisciente e de suprema bondade. E como a justiça, entendida de modo geral, nada mais é do que a bondade em conformidade com a razão, claramente Deus deve possuir a justiça suprema. A Razão que fez as coisas existirem de si mesma também as faz depender de si para suas existências e ações, e continuamente dela recebem toda perfeição que possuam. Mas as imperfeições que retêm derivam da limitação essencial e inata de uma coisa criada.

[10] Segue-se da Suprema Perfeição de Deus que, na produção do universo, tenha Ele escolhido o melhor projeto possível, no qual há a maior variedade junto com a maior ordem. O terreno, o lugar e o tempo foram usados para a obtenção do maior proveito: o máximo efeito foi produzido pelos métodos mais simples. Às coisas criadas foram dispostos os mais altos níveis de poder, conhecimento, felicidade e bondade que o universo poderia permitir. No entendimento de Deus, todas as coisas possíveis expõem suas pretensões à existência em proporção às suas perfeições; portanto, o resultado de todas essas pretensões deve ser um mundo atual que é o mais perfeito possível. Se assim não fosse, impossível seria dar qualquer razão pela qual as coisas têm sido assim e não de outro modo.

[11] A Suprema Sabedoria de Deus o fez escolher em particular as leis do movimento que fossem as mais apropriadas e que melhor conviessem aos raciocínios abstratos e metafísicos. Elas conservam a mesma quantidade de força total ou absoluta, ou de ação, a mesma quantidade de força relativa, ou de reação, e, finalmente, a mesma quantidade de força diretiva. E, além do mais, a ação sempre é igual à reação, e o efeito completo é sempre equivalente à causa total. E é surpreendente que, pela exclusiva consideração das causas eficientes ou da matéria, não possam ser explicadas essas leis do mo-

vimento, que têm sido descobertas em nossa época – algumas das quais descobertas por mim mesmo. Percebi que temos de recorrer às causas finais, e que essas leis não dependem do princípio da necessidade, ao contrário das verdades Lógicas, Aritméticas ou Geométricas, mas, sim, do princípio da conveniência, isto é, de escolhas da sabedoria. Para qualquer um que profundamente examine as coisas, essa é uma das mais eficazes e evidentes provas da existência de Deus.

[12] Segue-se da Perfeição do Supremo Criador não apenas que a ordem do universo é a mais perfeita que poderia ser, mas também que cada espelho vivo que representa o universo conforme seus próprios pontos de vista, ou seja, que cada Mônada, cada centro substancial, deve possuir suas percepções e seus apetites ordenados do melhor modo que é compatível com todo o resto. E disso segue-se também que as Almas, ou seja, as Mônadas mais dominantes – ou antes os próprios animais – não podem deixar de despertar do estado de entorpecimento, ou morte, ou algum outro acidente, no qual é colocado.

[13] Pois tudo nas coisas está ordenado de uma vez por todas com tanta regularidade e harmonia quanto possível, com a Suprema Sabedoria e Bondade não podendo agir exceto de maneira perfeita e harmoniosa: o presente está, por isso, prenhe de futuro, podendo esse último ser lido no passado, o remoto sendo expresso no próximo. A beleza do universo poderia ser conhecida em cada Alma individual, se pudéssemos tão somente revelar tudo que nele está envolto e que se tornará perceptível apenas com o seu desenvolvimento no tempo. Mas tal como cada uma das nítidas percepções da Alma envolve uma infinidade de percepções confusas que envolvem o universo inteiro, também a própria Alma não conhece as coisas das quais tem percepção, exceto na medida em que possui uma percepção que é nítida e revelada. E a Alma é perfeita na medida em que possui percepções nítidas. Toda alma conhece o infinito, conhece tudo, mas confusamente. Exatamente como quando, andando próximo ao mar, ouço o grande barulho que ele produz, embora sem distinguir o som individual de cada onda que o compõe, do mesmo modo nossas percepções confusas são o resultado das impressões que todo o universo produz em nós. Ocorre o mesmo com cada Mônada. Somente Deus tem conhecimento nítido de tudo, porque Ele é sua fonte. Tem sido afirmado, com justiça, que é como se Deus estivesse centrado em toda a parte; mas a circunferência desse centro de Deus não estaria em lugar algum, porque para Ele tudo está presente imediatamente, a nenhuma distância daquele centro.

[14] No que diz respeito à Alma Racional ou ao Espírito, há algo mais do que há nas Mônadas ou nas simples Almas. A Alma Racional é não somente um espelho do universo ou das coisas criadas, mas também uma imagem da Divindade. O Espírito não apenas possui uma per-

cepção das obras de Deus, mas também é capaz de produzir alguma coisa que se assemelha àquelas obras, embora em escala menor. Pois, sem mencionar as maravilhas dos sonhos, nos quais idealizamos sem dificuldade (mas também involuntariamente) coisas sobre as quais teríamos de pensar por muito tempo se estivéssemos acordados, nossa alma também atua de modo planejado em suas ações voluntárias e, na descoberta das ciências, em conformidade com o modo como Deus ordenou as coisas (pelo peso, medida, número etc.). A Alma reproduz, em sua própria esfera e no pequeno mundo em que está autorizada a operar, o que Deus faz no mundo em maior escala.

[15] Esse é o motivo pelo qual todos os Espíritos, quer dos homens quer dos espectros, em virtude da Razão e das Verdades eternas, entram em um tipo de comunidade com Deus, tornando-se membros da Cidade de Deus; isto é, eles são membros do mais perfeito Estado, formado e governado pelo maior e melhor dos Monarcas, no qual não há crime sem punição nem boa ação sem sua apropriada recompensa. Um Estado que, no conjunto, possui o maior nível possível de virtude e bondade. E tudo isso é realizado, não por perturbação da natureza, como se o que Deus dispôs para as almas pudesse perturbar as leis dos corpos, mas mediante a mera ordem das próprias coisas naturais, em virtude da harmonia preestabelecida desde todo tempo entre os Reinos da Natureza e da Graça, entre Deus como Arquiteto e Deus como Monarca, de tal modo que a própria natureza guia-se para a graça, e esta, por sua vez, aperfeiçoa a natureza enquanto dela se serve.

[16] Assim, embora a Razão não possa nos dizer em detalhes o grande futuro que nos aguarda – uma tarefa que está reservada para a revelação – essa mesma razão pode nos assegurar que as coisas foram feitas de um modo tal que é melhor do que poderíamos desejar. Como Deus é a mais perfeita e afortunada das substâncias, sendo, portanto, a mais adorável, e desde que o verdadeiro puro Amor consiste em estar em um estado em que é permitido satisfazer-se com as perfeições e a felicidade da pessoa amada, segue-se que, quando Deus é esse objeto, o Amor deve dar-nos o maior prazer de que somos capazes.

[17] E é fácil amar a Deus como deveríamos se o conhecêssemos do modo como tenho afirmado. Porque embora Deus seja certamente imperceptível aos nossos sentidos externos, isso não o impede de ser muito adorável e de dar muita satisfação. Conhecemos a satisfação que as honras dão aos homens, mesmo que não consistam em qualidades detectáveis por nossos sentidos externos. Mártires e fanáticos (embora as emoções desses últimos sejam mal ordenadas) mostram o que a satisfação de um espírito pode fazer: e, ademais, as satisfações dos próprios sentidos reduzem-se, ao final, às satisfações intelectuais, que são conhecidas de um modo confuso. A música

pode nos fascinar mesmo que sua beleza consista somente em inter-relações entre números, e que, no total, não estejamos conscientes das batidas ou vibrações do corpo soante que coincidem a determinados intervalos, mas que a Alma, todavia, percebe. As satisfações que a vista tira da proporção perspectiva são do mesmo tipo; e aquelas que os outros sentidos produzem se originam de alguma coisa similar, mesmo que não as possamos explicar tão claramente.

[18] De fato, podemos afirmar que o amor de Deus já nos permite apreciar um prenúncio de nossa futura felicidade. E, embora o amor seja desinteressado, ele em si mesmo proporciona nosso maior bem e benefício, mesmo se não o procuramos, quando consideramos apenas a satisfação que recebemos sem considerar as vantagens que proporciona. Pois esse amor nos dá a perfeita confiança na bondade de nosso Autor e Senhor e nos supre com uma autêntica tranquilidade do espírito, não como estoicos, determinados à paciência pela força, mas pelo contentamento atual que em si mesmo nos assegura felicidade futura. E, inteiramente separado de nossa atual satisfação, nada nos poderia ser mais útil para o futuro, pois também aqui o amor de Deus satisfaz todas as nossas expectativas e nos conduz ao caminho da suprema felicidade, porque, em virtude da perfeita ordem estabelecida no universo, tudo é feito o melhor possível, tanto para o bem geral como para o maior bem específico daqueles que são conscientes disso e que estão satisfeitos com o governo de Deus. Isso não pode faltar àqueles que sabem amar a fonte de todo bem. Na verdade, a suprema felicidade (qualquer que seja a visão bem-aventurada ou conhecimento de Deus que possa acompanhá-la) jamais pode ser completa, porque Deus é infinito e assim nunca pode ser conhecido inteiramente. Assim, nossa felicidade jamais consistirá, e não poderia consistir, em um completo desfrute no qual não exista nada a desejar e que venha a tornar estúpidos os nossos espíritos, mas, ao contrário, consiste em uma progressão perpétua para novos desfrutes e novas perfeições.

Sistema Novo da Natureza

[1] Elaborei este sistema há muitos anos, tendo divulgado algumas de suas partes a vários homens de ampla erudição e, em particular, a um dos maiores teólogos e filósofos do nosso tempo, que, ao tomar conhecimento dele por meio de uma pessoa da mais alta graduação, achou algumas das minhas opiniões bastante paradoxais. Mas, após receber minhas explicações, retirou o que havia afirmado, do modo mais generoso e admirável possível; e, tendo aprovado alguns dos meus pontos de vista, retratou-se em sua censura a outras partes com que ainda não havia concordado. Desde então, tenho continu-

ado minhas meditações todas as vezes que tenho oportunidade, a fim de dar a público apenas opiniões bem consideradas; e tenho tentado responder às objeções levantadas contra meus ensaios de dinâmica, que têm alguma conexão com este sistema. E agora que alguns notáveis indivíduos buscam ver meus pontos de vista esclarecidos, arrisco-me a oferecer essas meditações, embora de modo algum sejam populares quanto ao estilo nem tampouco possam ser apreciadas por todos os tipos de espíritos. Assim procedo, em especial, buscando beneficiar-me com os julgamentos de pessoas esclarecidas nessas questões, pois seria muito penoso procurar e consultar individualmente todos aqueles que tivessem vontade de aconselhar-me – o que sempre estarei agradecido em receber, contanto que seja demonstrado um amor pela verdade, em vez de uma paixão por opiniões preconcebidas.

[2] Embora seja eu uma dessas pessoas que têm feito um vasto trabalho nas matemáticas, desde minha juventude tenho continuamente meditado sobre filosofia, pois sempre me pareceu que haveria um modo de estabelecer algo de sólido neste campo por meio de demonstrações claras. Já havia me aprofundado no oceano dos escolásticos, quando matemáticos e autores modernos trouxeram-me à tona novamente, enquanto ainda era muito jovem. Enfeitiçou-me o belo modo como explicavam mecanicamente a natureza e, com razão, desprezei o método daqueles que apenas faziam uso de formas substanciais ou faculdades, das quais nada aprendemos. Mas, posteriormente, tentando ir mais profundamente nos próprios princípios da mecânica, buscando explicar as leis da natureza que são conhecidas mediante experiência, percebi que a consideração da mera massa extensa é insuficiente, e que também se deve empregar a noção de força, que é perfeitamente inteligível, embora pertença à esfera da metafísica. Dei-me conta, também, de que a opinião daqueles³ que transformam ou rebaixam os animais a simples máquinas, embora isso pareça possível, é implausível. E, na verdade, contrária à ordem das coisas.

[3] No início, quando me libertei do jugo de Aristóteles, era favorável aos átomos e ao vácuo, porque esse ponto de vista melhor satisfazia a imaginação. Mas, refletindo melhor sobre o assunto, após muito meditar, vi que é impossível encontrar os princípios da verdadeira unidade tão-somente na matéria ou em algo que seja apenas passivo, visto que nada mais é que uma coleção ou agregado de partes *ad infinitum*. Ora, uma multiplicidade pode somente derivar sua realidade de verdadeiras unidades, que têm outra origem e são muito diferentes de pontos matemáticos, os quais são apenas as extremidades das coisas extensas e simples modificações, de que, é óbvio, algo contém

³Cf. p. 447 [*Sistema Novo da Natureza* §4]

nuo não pode ser composto. Então, a fim de alcançar essas unidades reais, tive de recorrer a um átomo formal, o que pode ser denominado um ponto real e animado ou um átomo de substância, que deve conter algum tipo de forma ou atividade, a fim de produzir um ser completo, desde que uma coisa material não pode, simultaneamente, ser material e perfeitamente indivisível, ou possuir uma unidade genuína. Então, foi necessário recorrer e, por assim dizer, reabilitar as formas substanciais que têm sido tão condenadas atualmente – mas de um modo que pudesse torná-las inteligíveis e que separasse o uso que deve ser feito delas de seus anteriores usos incorretos. Percebi, então, que a natureza das formas substanciais consiste na força, e que daí resulta algo análogo ao sentimento e ao apetite; e que devem, por isso, ser entendidas em conformidade com nossa noção de Almas. Mas, exatamente como a Alma não necessita ser usada para explicar em detalhes as operações de um corpo animal, decidi que, semelhantemente, essas formas não deveriam ser usadas para explicar problemas particulares da natureza, embora sejam necessárias para fundamentar princípios gerais verdadeiros. Aristóteles denomina-as primeiras Enteléquias. Eu as denomino, talvez mais inteligivelmente, forças primárias, que contêm não apenas o ato ou simples satisfação de uma possibilidade, mas também uma atividade originária.

[4] Compreendi que essas formas ou almas tinham de ser indivisíveis, como nossos espíritos, e, de fato, lembrei-me que era essa a opinião de Tomás de Aquino acerca das almas dos animais. Mas essa verdade reintroduziu por toda parte as muito populares dificuldades acerca da origem e da duração das almas e formas. Pois, desde que toda substância simples que tem uma unidade genuína não pode começar ou terminar senão por um milagre, segue-se que somente podem começar por criação ou terminar por aniquilação. Então, reconheci que (com exceção das almas que Deus ainda pretende criar expressamente) as formas constitutivas das substâncias devem ter sido criadas com o mundo e devem sempre subsistir. Assim, os escolásticos, tais como Albertus Magnus⁴ e John Bacon,⁵ vislumbraram parte da verdade sobre a origem dessas formas. E essa ideia não deveria parecer extraordinária, pois apenas estamos atribuindo às formas a duração que os seguidores de Gassendi concediam aos seus átomos.

[5] Contudo, sustento que não devemos confundir essas ou outras formas ou almas nem com o Espírito nem com a Alma Racional, que são de uma ordem superior e possuem incomparavelmente mais perfeição que aquelas formas que estão penetradas na matéria e que, na minha opinião, se encontram em toda parte. Em comparação com

⁴*Journal des Savants* p. 448, 450 [Sistema Novo da Natureza §§ 5, 8]

⁵N. Bernier em sua *Relation des gentils de l'Indoustan* p. 200 ss, relata uma opinião de algum modo similar dos filósofos daquele país.

estas, os Espíritos e as Almas Racionais são como pequenos deuses, feitos à imagem de Deus e que possuem dentro de si um raio de luz divina. É por isso que Deus governa os Espíritos como um príncipe governa seus súditos ou como um pai cuida de suas crianças; enquanto Ele Se ocupa de outras substâncias como um engenheiro manipula seus engenhos. Assim, os Espíritos têm leis especiais que os elevam acima das operações mecânicas da matéria. E devemos dizer que tudo mais é feito apenas para eles, pois mesmo aquelas operações mecânicas são harmonizadas para a felicidade dos bons e a punição dos maus.

[6] Contudo, retornando às formas ordinárias, ou almas brutas, a duração que agora lhes deve ser atribuída, em vez de aos átomos, como antes, daria origem à ideia de que elas passam de um corpo a outro; isso seria metempsicose, um tanto parecido com a transmissão de movimento e das espécies como certos filósofos têm sustentado. Mas essa imagem está muito distante de como as coisas são: não há tal passagem. E aqui as transformações observadas por Swammerdam,⁶ Malpighi⁷ e Leeuwenhoek,⁸ que estão entre os melhores observadores da nossa época, auxiliaram-me e conduziram-me a aceitar mais facilmente que nenhum animal ou outra substância organizada tem origem, quando achamos que sim, e que sua aparente geração é, tão-somente, um desenvolvimento ou um tipo de aumento. E tenho notado que o autor de *A Busca da Verdade*,⁹ Regis,¹⁰ Hartsoeker¹¹ e outros competentes homens não se distanciam dessa opinião.

[7] Mas ainda permanece a maior questão no tocante ao que é feito dessas almas ou formas quando da morte do animal ou da destruição da substância individual organizada. Essa questão é, dentre todas, a mais difícil, porque parece pouco razoável que as almas possam permanecer, inúteis, em um caos de matéria confusa. Isso me levou a decidir, ao final, que há apenas uma opinião que pode razoavelmente ser tomada, qual seja, que não apenas a Alma é conservada, mas também o próprio animal e seus mecanismos orgânicos; embora a destruição das suas partes mais grosseiras o torne tão pequeno quanto pouco perceptível aos nossos sentidos, como era antes do seu nascimento. E, de fato, ninguém pode exatamente dizer a verdadeira hora da morte, que por um longo período pode ser tomada por uma simples

⁶Ovos de galinha eclodem quando colocados em fornos aquecidos. Esta é uma prática adotada no Egito.

⁷Pode-se matar vários tipos de animais colocando-os em um forno muito quente.

⁸*Journal des Savants* de 27 de junho de 1695, p. 449 [*Sistema Novo da Natureza* §§ 6, 7]

⁹*Journal des Savants* de 4 de julho de 1695, p. 457 [*Sistema Novo da Natureza* §14]

¹⁰Ver *Histoire des ouvrages des savants* de fevereiro de 1696, pp. 274-275 [Leibniz. *Segundos esclarecimentos sobre o Sistema Novo*]

¹¹*Ibid.*

suspensão de ações observáveis e que, finalmente, nada mais é do que aquele exemplo de animais simples: testemunha a ressurreição de insetos que haviam sido afogados e em seguida encobertos com giz em pó, e muitos exemplos similares que demonstram claramente que haveria muito mais ressurreições, mesmo em casos extremos, se os homens estivessem em posição de reparar o mecanismo. Parece que era algo desse tipo que nos falava Demócrito, embora fosse um completo atomista, e mesmo que Plínio o tenha ridicularizado pelo que havia dito. É natural, então, que um animal, desde que sempre tenha estado vivo e organizado (como pessoas de grande intuição começam a reconhecer), sempre permaneça como tal. De fato, desde que não há primeiro nascimento ou inteira nova geração de um animal, segue-se que não haverá extinção final ou morte completa no estrito sentido metafísico; e que, por consequência, em lugar da transmigração das almas nada mais há que uma transformação de um e mesmo animal conforme seus órgãos são diferentemente dispostos e mais ou menos desenvolvidos.

[8] Enquanto isso, as Almas Racionais seguem as mais altas leis e estão isentas de tudo que as faria perder sua condição de cidadãos da sociedade dos Espíritos; Deus proveu suas subsistências tão bem que nenhuma mudança na matéria pode mesmo fazê-las perder as qualidades morais de suas personalidades. E podemos afirmar que tudo tende para a perfeição não apenas no universo em geral, mas também das coisas criadas em particular; pois elas estão destinadas a tal grau de felicidade que o universo torna-se envolvido. Isso ocorre em virtude da bondade divina, que se comunica a cada um na extensão que a soberana sabedoria pode permitir.

[9] No que diz respeito ao costumeiro funcionamento dos animais e outras substâncias corpóreas, que até agora se acreditou que sofrem total extinção e cujas mudanças dependem de regras mecânicas em vez de leis morais, estou satisfeito ao ver que o clássico autor do *De Victu*¹² vislumbrou algo de verdade quando expressamente afirmou que os animais não nascem ou morrem, e que as coisas que supomos começar e perecer simplesmente aparecem ou desaparecem. Também essa era a opinião de Parmênides e de Melisso, conforme nos conta Aristóteles (pois esses pensadores clássicos eram mais auscultadores do que pensamos).

[10] Estou tão disposto quanto qualquer um a fazer justiça aos modernos; todavia, creio que levaram a reforma muito longe, dentre outras razões ao nivelarem as coisas naturais com as artificiais, não possuindo ideia suficientemente nobre da majestade da natureza. Eles entendem ser a diferença entre as máquinas naturais e as nossas ape-

¹²Consultar as objeções apresentadas pelo senhor Simon Foucher ao senhor Leibniz no *Journal des Savants* de 12 de setembro de 1695, pp. 639 ss.

nas aquelas entre o grande e o pequeno. Isso recentemente conduziu um homem muito douto, autor de *Conversações sobre a Pluralidade dos Mundos*,¹³ a afirmar que a uma inspeção mais próxima a natureza mostra-se menos maravilhosa do que pensamos, sendo apenas algo semelhante a uma oficina de um artesão. Penso que isso dá uma ideia inapropriada e indigna da natureza, e que apenas o meu sistema revela a verdadeira e imensa distância que há entre as menores produções e mecanismos da divina sabedoria e as maiores obras-primas produzidas pela habilidade de um espírito limitado – uma diferença que não apenas é de grau, mas também de gênero. Deve ser reconhecido, então, que as máquinas naturais possuem um número verdadeiramente infinito de partes orgânicas e estão tão bem providas e protegidas contra todos os acidentes que não é possível destruí-las. Uma máquina natural é uma máquina mesmo em suas menores partes; e, mais, sempre permanece a mesma máquina, sendo simplesmente transformada por diferentes modos de empacotamento: por vezes extensa, por vezes contraída e, por assim dizer, concentrada, quando pensamos que foi destruída.

[11] Além disso, por meio da alma, ou forma, há em nós uma verdadeira unidade que corresponde ao que denominamos “Eu”; isso não pode ter lugar nas máquinas artificiais ou em uma massa simples de matéria, por mais organizada que seja. Tais massas somente podem ser pensadas como semelhantes a uma multidão ou um bando, ou a uma lagoa repleta de peixes, ou a um relógio composto de molas e rodas. Entretanto, se não houvesse verdadeiras unidades substanciais nada haveria de substancial ou real em tal conjunto. Foi isso que forçou Gerauld de Cordemoy,¹⁴ a fim de encontrar a unidade verdadeira, a abandonar a doutrina de Descartes e adotar a de Demócrito acerca dos átomos. Mas os átomos da matéria são contrários à razão, além de serem compostos de partes, já que a insuperável união de uma parte a outra (mesmo se pudesse ser racionalmente compreendida ou imaginada) certamente não eliminaria a diferença entre elas. São somente os átomos de substâncias, quer dizer, as unidades reais absolutamente desprovidas de partes, e que são as fontes das ações, os primeiros princípios absolutos da composição das coisas e, de certo modo, os últimos elementos na análise das coisas substanciais. Eles podem ser denominados pontos metafísicos; eles possuem alguma coisa da natureza da vida e um tipo de percepção, e os pontos matemáticos são seus pontos de vista para expressar o universo. Mas quando uma substância corpórea é contraída, todos os seus órgãos reunidos formam o que para nós é tão-somente um ponto físico. Assim, a indivisibilidade dos pontos físicos é apenas aparente. Os

¹³Convenções: M = Monadologia (por seção), SN = Sistema Novo da Natureza (por parágrafo), OFC = Sobre a origem fundamental das coisas.

¹⁴Ocasionalista francês [1620-1684] (N. do T.).

pontos matemáticos realmente são indivisíveis, porém são apenas modalidades. Somente os pontos metafísicos ou substanciais (constituídos por formas ou almas) é que são tanto indivisíveis como reais, e sem eles nada haveria de real, tendo em vista que sem unidades verdadeiras não haveria multiplicidade.

[12] Ao estabelecer essas coisas, pensei ter alcançado um porto seguro. Mas quando me pus a pensar sobre a união da Alma com o corpo fui de certo modo restituído ao mar aberto. Não encontrei maneira de explicar como o corpo pode fazer acontecer alguma coisa na Alma e vice-versa, ou como uma substância criada pode comunicar-se com outra. Até o que posso ver dos seus escritos, Descartes abandonou seus esforços nesse ponto; mas seus discípulos, percebendo que a opinião popular é incompreensível, afirmaram que estamos conscientes das propriedades dos corpos porque Deus produz pensamentos na Alma por ocasião dos movimentos da matéria. Quando, por sua vez, nossa alma deseja mover o corpo, afirmam que é Deus quem move o corpo por ela. E como a comunicação dos movimentos também lhes parece incompreensível, sustentam que Deus dá movimento para um corpo por ocasião do movimento de um outro. Isso é o que denominam Sistema das Causas Ocasionais, que tem estado em voga desde as excelentes reflexões do autor de *A Busca da Verdade*.

[13] Deve-se admitir que eles foram muito longe nessa questão ao nos dizerem o que não pode acontecer; mas seus relatos sobre o que realmente acontece não parece resolver o problema. É muito verdadeiro que no estrito sentido metafísico uma substância criada não possui real influência sobre uma outra, e que todas as coisas, com todas as suas realidades, são continuamente produzidas pelo poder de Deus. Mas para solucionar problemas não basta fazer uso de uma causa geral e introduzir o que se denomina *deus ex machina*. Fazer isso, sem dar qualquer outra explicação em termos de ordem de causas secundárias, é na verdade recorrer a um milagre. Em filosofia devemos tentar demonstrar o modo como as coisas são executadas pela divina sabedoria explicando-as de acordo com a noção do objeto tratado.

[14] Ao estar, assim, obrigado a admitir que é impossível que a Alma ou qualquer outra substância deva receber qualquer coisa do seu exterior, exceto por onipotência divina, fui gradualmente conduzido a uma ideia que me surpreendeu, mas que me pareceu inevitável, e que de fato traz grandes vantagens e muitos atrativos consideráveis. É necessário afirmar que Deus primeiro criou a Alma, ou qualquer outra unidade real, de tal modo que tudo nela se origina de sua própria natureza, com uma perfeita espontaneidade quanto a si mesma e ainda com uma perfeita conformidade a coisas fora dela. E, assim, desde que nossas sensações interiores (isto é, aquelas que estão na

própria Alma e não no cérebro ou em sutis partes do corpo) são apenas uma sequência de fenômenos relacionados a coisas externas, ou são aparências verdadeiras ou sonhos sistemáticos, por assim dizer, essas percepções internas na própria Alma devem originar-se de suas próprias constituições originais, ou seja, da sua natureza representacional (capaz de expressar coisas externas por meio da relação com seus órgãos), que a Alma possui desde sua criação e que constitui seu atributo individual. E isso significa que, desde que cada uma dessas substâncias precisamente representa todo o universo de seu próprio modo e de um ponto de vista particular, e desde que suas percepções ou expressões das coisas externas ocorrem na Alma exatamente no devido tempo em virtude de suas próprias leis, como em um mundo à parte, como se nada existisse exceto Deus e a Alma (para utilizar uma expressão de uma certa pessoa de elevado espírito famosa por sua santidade,¹⁵) haverá um perfeito acordo entre todas essas substâncias; acordo esse que produz o mesmo efeito como seria observado caso se comunicassem umas com as outras por meio de uma transmissão de espécies ou qualidades, tal como os filósofos comumente supuseram. Ademais, a massa organizada, na qual o ponto de vista da Alma se situa, sendo mais imediatamente expressa por ela, está, por seu turno, pronta para agir a partir dela mesma, conforme as leis do mecanismo corporal, no momento em que a Alma desejar, sem uma interferir com as leis da outra, possuindo os espíritos animais e o sangue exatamente os movimentos que lhes são necessários para corresponder às paixões e às percepções da Alma. É esse relacionamento mútuo, conciliado antecipadamente em cada substância no universo, que produz o que denominamos comunicação e que constitui, exclusivamente, a união da alma e do corpo. E desse modo podemos compreender como a Alma tem seu centro no corpo por uma presença imediata, tão intimamente quanto poderia, tendo em vista que a alma está no corpo de um modo como a unidade está no resultado das unidades, que é a multiplicidade.

[15] Essa hipótese é certamente possível. Pois, por que Deus não poderia, no início, dar a uma substância uma natureza ou força interna que pudesse produzir, de modo ordenado (como em um autônomo espiritual ou formal; mas, livre no caso de uma substância que é dotada com um quinhão de razão), tudo que lhe acontecerá, ou seja, todas as aparências ou expressões que terá e isso sem o auxílio de qualquer coisa criada? Isso é mais provável porque a natureza de uma substância necessariamente requer e essencialmente implica algum melhoramento ou mudança, sem o que não teria força para agir. E como a natureza da Alma é representar o universo de um modo muito exato (embora com maior ou menor nitidez), a sucessão de representações que a Alma produz para si mesma irá naturalmente corresponder à

¹⁵Santa Teresa de Ávila [1515–1585] (N. do T.).

sucessão de mudanças no próprio universo: exatamente como, por outro lado, o corpo se adaptou à Alma nas ocasiões em que pensamos que a Alma agia externamente. O que é mais razoável a esse respeito é que os corpos são feitos apenas para os espíritos que são capazes de entrar em associação com Deus e de celebrar Sua glória. Consequentemente, assim como vemos que essa Teoria dos Agregados é possível, vemos que ela é a mais razoável e que fornece uma maravilhosa sensação de harmonia do universo e mostra a perfeição das obras de Deus.

[16] Também é de grande vantagem que, em vez de afirmarmos que somos livres apenas na aparência, o que de certo modo que é suficiente para propósitos práticos, como muitas pessoas brilhantes têm sustentado, devemos afirmar que somos determinados apenas na aparência, e que, na linguagem estritamente metafísica, somos perfeitamente independentes da influência de todas as outras criaturas. Isso novamente coloca sob uma surpreendente luz a imortalidade de nossa alma e a perfeitamente uniforme conservação de nossa individualidade, que está perfeitamente bem regulada por sua própria natureza e protegida de todos os acidentes externos, por mais que possa parecer o contrário. Nunca um sistema exaltou nossa posição mais claramente. Todo espírito é como um mundo separado, auto-suficiente, independente de todas as outras coisas criadas, que envolve o infinito e expressa o universo, e tão permanente, tão subsistente e tão absoluto quanto o universo das próprias coisas criadas. Assim, deveríamos concluir que cada indivíduo deveria sempre desempenhar seu papel do modo mais ajustado para contribuir para a perfeição da sociedade de todos os espíritos que constituem sua união moral na Cidade de Deus. Há também aqui uma nova e surpreendentemente clara prova da existência de Deus. A mais perfeita concordância de tantas substâncias que não possuem comunicação umas com as outras poderia vir apenas de sua causa comum.

[17] Além de todas essas vantagens que esta teoria possui a seu favor, podemos dizer que é algo mais que uma teoria, desde que parece pouco possível explicar as coisas de algum outro modo inteligível, e porque muitas grandes dificuldades que deixaram perplexas as mentes dos homens até agora parecem desaparecer quando plenamente as compreendemos. Nosso modo ordinário de falar também pode ser facilmente conservado, pois podemos afirmar que a substância cuja disposição torna inteligível a mudança (de modo que podemos concluir que é a esta substância que as demais têm, a esse respeito, de se adaptar desde o início, de acordo com a ordem dos decretos de Deus) é aquela que, até aonde vai essa mudança, deveríamos, por isso, conceber como atuando sobre as demais. Então a ação de uma substância sobre outra não é uma emissão ou um transplante de uma entidade, como é pensado comumente, e pode ser razoável-

mente compreendida apenas do modo como acabo de descrever. É verdade que podemos facilmente compreender na matéria tanto a emissão como o recebimento de partículas, por meio das quais, completa e corretamente, explicamos os fenômenos da física mecanicamente. Mas, como a massa material não é uma substância, está claro que a ação, quanto a uma substância mesma, pode apenas ser como descrevi.

[18] Essas considerações, por mais metafísicas que possam parecer, são, contudo, maravilhosamente úteis na física por fundamentarem as leis do movimento, como minha Dinâmica será capaz de demonstrar. Podemos, pois, afirmar que quando dois corpos colidem cada um é afetado apenas por sua própria elasticidade, causada pelo movimento que nele já existe. E no que diz respeito ao movimento absoluto, nada pode determiná-lo matematicamente, desde que tudo consiste em relações: o resultado sendo aquele em que há sempre uma equivalência perfeita de teorias, como na astronomia; de modo que, seja qual for o número de corpos que tomemos, deveremos arbitrariamente especificar ou o repouso ou algum grau de velocidade àquele que preferirmos, sem que nos seja possível ser refutados pelos fenômenos do movimento, se em uma linha reta, em uma circunferência ou em um composto. É ainda razoável, todavia, em conformidade com a noção de ação que estabelecemos aqui, atribuir movimentos autênticos aos corpos de acordo com o que se explicam os fenômenos do modo mais inteligível.

Sobre a origem fundamental das coisas

Além do mundo, isto é, além do agregado das coisas finitas, existe alguma Unidade dominante que o rege e que está para aquele mundo não só como a alma para mim mesmo, ou melhor, como eu para o meu corpo, mas também em um sentido mais elevado. Pois a Unidade que domina o universo não apenas rege o mundo, mas também o constrói, ou faz; ela é superior ao mundo e, por assim dizer, extramundana. Por conseguinte, ela é a razão fundamental das coisas. Com efeito, não podemos achar em qualquer das coisas singulares, ou mesmo em agregados completos e nas séries de coisas, uma razão suficiente pela qual existam. Suponhamos que um livro sobre os elementos de geometria tenha perpetuamente existido, uma cópia sendo feita de outra. É óbvio que, embora possamos explicar uma presente cópia como sendo uma reprodução de um livro anterior, do qual foi copiado, isso nunca nos levará à razão completa (para a existência de tal livro), não importando quantos livros consideremos, visto que sempre teremos curiosidade de saber o porquê da existência perpétua de tais livros, o porquê de tais livros terem sido escritos e por

que o foram dessa forma e não de outra. O que é verdadeiro para esses livros também o é para os diferentes estados do mundo, pois o estado que segue é, de certo modo, copiado do estado precedente, embora em conformidade com certas leis de mudança. E, assim, por mais que possamos retroceder aos estados anteriores, jamais encontraremos nesses estados uma razão completa para o porquê de existir qualquer mundo e por que ele é do modo que é.¹⁶

Eu certamente admito que possas imaginar que o mundo é eterno. Todavia, desde que assumas nada além de uma sucessão de estados e desde que nenhuma razão suficiente para o mundo possa ser encontrada em qualquer um deles (de fato, assumindo tantos quantos queiras não encontrarás de modo algum a razão), é evidente que essa deve ser encontrada em outra parte. Pois nas coisas eternas, mesmo se não há causa, devemos conceber uma razão, que nas coisas imutáveis é a própria necessidade ou essência em si, enquanto nas coisas mutáveis (se, *a priori*, imaginássemos que são eternas), a razão seria a força superior de certas inclinações, como veremos em breve, em que as razões não se tornam necessárias (no sentido de uma necessidade absoluta ou metafísica, em que o contrário implica uma contradição), mas inclinam. Disso se conclui que, mesmo se assumirmos a eternidade do mundo, nós não podemos evitar a necessidade de admitir a razão fundamental e extramundana das coisas, que é Deus.¹⁷

Portanto, as razões para o mundo encontram-se ocultas em algo extramundano, distinto da sucessão de estados ou da série de coisas cujo agregado constitui o mundo. E, assim, nós devemos passar da necessidade física, ou hipotética, que determina as coisas posteriores do mundo pelas anteriores, para alguma coisa que seja de necessidade absoluta ou metafísica. Algo para o qual a razão não pode ser dada. Pois o mundo presente é física ou hipoteticamente necessário, mas não o é absoluta ou metafisicamente. Isto é, dado que ele foi uma vez tal e qual, segue-se que as coisas no futuro manifestar-se-ão do mesmo modo. Portanto, desde que a raiz fundamental deve estar em algo que é de necessidade metafísica, e desde que a razão para algo existente deve vir de algo que realmente existe, segue-se que deve existir um Ser único de necessidade metafísica. Isto é, deve existir um ser cuja essência é a existência, e, portanto, deve existir algo diverso da pluralidade das coisas, que difere do mundo, que admitimos e demonstramos não ser de necessidade metafísica.¹⁸

Além disso, para explicarmos um pouco mais distintamente como verdades temporais, contingentes ou físicas, originam-se das verda-

¹⁶Ver *Princípios da Natureza e da Graça* §8 e *Monadologia* §37 (N. do T.).

¹⁷Ver *Princípios da Natureza e da Graça* §8 *in fine* (N. do T.).

¹⁸Ver *Monadologia* §39 (N. do T.).

des eternas, essenciais ou metafísicas, devemos primeiro admitir que desde que algo existe, em vez de nada, há uma certa exigência de existência ou, por assim dizer, uma pretensão à existência nas coisas possíveis ou na possibilidade ou essência nela mesma; em uma palavra, que a essência tende por si mesma à existência. Donde segue-se daí que todos os possíveis, isto é, todas as coisas que expressam essência ou realidade possível, tendem com igual direito à existência em proporção à quantidade de essência ou realidade ou grau de perfeição que elas contêm, pois a perfeição nada mais é do que a quantidade de essência.

Disso se compreende que, das infinitas combinações de possibilidades e séries possíveis, aquela que existe é aquela por intermédio da qual o máximo de essência ou possibilidade é levado a existir. Sempre vigora nas coisas um princípio de orientação, de acordo com que se deve buscar o máximo ou o mínimo; isto é, que se produza o máximo efeito com o mínimo de gasto, por assim dizer. E no caso atual, o tempo e o lugar ou, em uma palavra, a receptividade ou capacidade do mundo pode ser considerada como o custo ou como o terreno sobre o qual se constrói o mais agradável dos edifícios, e a variedade das formas do mundo correspondem à comodidade do edifício e ao número e refinamento dos quartos. E a situação é semelhante àquela de determinados jogos nos quais todas as posições sobre o tabuleiro devem ser preenchidas conforme certas regras, e em que, no final, obstruídos certos espaços, serás forçado a deixar mais posições vazias do que poderias ou desejarias, a menos que utilizes de algum ardil. Há, contudo, um certo procedimento por meio do qual se pode mais facilmente preencher o tabuleiro. Isso ocorre, da mesma maneira que, por exemplo, se supusermos que nos peçam para construir um triângulo, sem que nos seja dada qualquer orientação, haveremos de produzir um triângulo equilátero; ou se supusermos que vamos de um ponto a outro sem qualquer orientação prévia quanto à trajetória, acabaremos por escolher aquela mais fácil, isto é, a mais curta. Da mesma maneira, dizíamos, assumindo que em algum tempo o ser prevaleça sobre o não-ser; ou que haja uma razão pela qual alguma coisa exista em vez do nada; ou que se deva passar da possibilidade para o ato, embora sem nenhuma outra determinação, segue-se que existiria tanta possibilidade quanto poderia existir, dada a capacidade do tempo ou do espaço (isto é, da ordem possível das existências); em resumo, assemelha-se a azulejos assentados a fim de, em determinada área, conter o maior número possível deles.

Disso já podemos compreender maravilhosamente como uma espécie de Matemática Divina, ou Mecanismo Metafísico, é utilizada na criação das coisas e como a determinação de um máximo encontra lugar. O caso é semelhante àquele da geometria, em que o ângulo reto é eminentemente distinto de todos os demais ângulos; ou como

o caso de um líquido colocado com outro de tipo diferente que toma, então, uma forma mais propícia a conter o máximo, ou seja, a da esfera; ou, sobretudo, como o caso da mecânica comum, na qual da luta recíproca de muitos corpos pesados finalmente surge um movimento que resulta, no total, na maior descida. Exatamente como todos os possíveis tendem com igual direito para a existência em proporção às suas realidades, igualmente todos os corpos pesados tendem com igual direito a descer em proporção aos seus pesos; e tal como neste caso resulta um movimento que contém a maior descida de corpos pesados quanto possível, naquele outro dá origem a um mundo no qual o maior número de possibilidades é produzido.

De fato, agora temos a necessidade física derivada da necessidade metafísica. Mesmo que o mundo não seja metafisicamente necessário, no sentido de que seu contrário implique contradição ou absurdi-
dade lógica, ele é, todavia, fisicamente necessário ou determinado, no sentido de que seu contrário implica imperfeição ou absurdi-
dade moral. E exatamente como a possibilidade é o princípio da essência, da mesma maneira a perfeição ou grau de essência (em que o maior número de coisas são compostíveis) é o princípio da existência. Daí está óbvio que o Autor do mundo é livre, ainda que tudo faça de modo determinado, já que Ele atua conforme um princípio de sabedoria ou perfeição. Na verdade, a indiferença provém da ignorância, e o mais sábio é aquele que mais está determinado a fazer aquilo que é mais perfeito.

Mas, dizes, essa comparação entre um certo mecanismo de metafísica determinante e o mecanismo físico de corpos pesados, embora pareça elegante, é defeituosa na medida em que os corpos pesados, que tendem para baixo, realmente existem, enquanto as possibilidades ou essências, antes ou fora da existência, são imaginárias ou ficcionais e, portanto, não se pode buscar nelas uma razão de existir. Eu respondo que nem essas essências nem as assim denominadas verdades eternas, a elas pertinentes, são fictícias. Pelo contrário, elas existem em um certo reino das ideias, por assim dizer, ou seja, no próprio Deus, a fonte de toda essência e da existência de todo o resto. A própria existência da atual série das coisas demonstra que, ao que parece, não falamos sem base. Desde que a razão para as coisas deve ser buscada nas necessidades metafísicas ou nas verdades eternas, já que (como mostrei acima) não pode ser encontrada na série de coisas; e já que as coisas existentes não podem derivar de nenhuma outra coisa exceto de coisas existentes, como acima observei, então é necessário que as verdades eternas tenham suas existências em algum sujeito absoluta e metafisicamente necessário, isto é, em Deus, por intermédio de quem aquelas coisas, que de outra maneira seriam imaginárias, são realizadas (para utilizar uma expressão bárbara, porém representativa).

De fato, observamos que tudo no mundo acontece de acordo com leis das verdades eternas, leis que não são meramente geométricas, mas também metafísicas, isto é, não estão apenas em conformidade com necessidades materiais, mas também em conformidade com razões formais. Isso é verdade não somente em termos muito gerais, como na explicação que acabei de dar sobre o porquê de o mundo existir em vez do nada e por que ele existe desse modo em vez de ser de qualquer outro (explicação que certamente deve ser deduzida da tendência dos possíveis para existir), mas também, descendo aos casos particulares, observamos o modo maravilhoso pelo qual leis metafísicas de causa, potência e ação têm seu lugar na totalidade da natureza e observamos que essas leis metafísicas prevalecem sobre as leis puramente geométricas da matéria. Como eu próprio descobri, para meu assombro, na explicação das leis do movimento isto é verdade a tal ponto que fui finalmente forçado a abandonar a lei da composição geométrica das forças, que certa vez defendera na minha juventude quando era então mais materialista, como já expliquei mais longamente alhures.

Assim, a razão fundamental para a realidade não só das essências mas também das existências repousa em um Ser único que deve, necessariamente, ser maior, superior e anterior ao mundo, pois por intermédio d'Ele as coisas existentes que formam o mundo, não apenas este, como também todos os possíveis, têm suas realidades. No entanto, isso só pode ser procurado em uma única fonte, em virtude da interconexão de todas essas coisas. Ademais, é evidente que dessa fonte as coisas existentes brotam e se produzem continuamente, por ela tendo sido produzidas, uma vez que não se torna claro por que um estado de mundo mais do que um outro, ontem mais do que hoje, deveria dela brotar. Também é óbvio como Deus atua não apenas fisicamente, mas também de modo livre, e como Ele é não apenas a causa eficiente das coisas, mas a causa final, e como n'Ele temos não apenas a razão para a grandeza ou poder do mecanismo do universo como já constituído, mas também a razão da bondade ou sabedoria ao constituí-lo.

E para que não pensem que estou aqui confundindo perfeição moral ou bondade com perfeição metafísica ou grandeza e que, admitindo a última, negue a primeira, deve-se compreender, do já exposto, que não somente o mundo é fisicamente (ou, se preferires, metafisicamente) mais perfeito, isto é, que as séries de coisas que têm sido trazidas à existência são aquelas nas quais há, de fato, a maior quantidade de realidade, mas também que o mundo é moralmente perfeito, tendo em vista que perfeição moral é perfeição física, para as próprias mentes. Disso resulta que o mundo não apenas é a mais admirável máquina, mas, também, na medida em que é feito de mentes, a melhor república, pela qual se dá às mentes a maior possibilidade

de felicidade ou alegria, em que consiste sua perfeição física.

Mas, tu perguntas, não experimentamos exatamente o oposto no mundo? Pois o pior dos males frequentemente acontece aos muito bons e aos inocentes (tanto entre os animais como entre os seres humanos), que são feridos e mortos, até mesmo torturados. No fim, o mundo parece mais um caos confuso do que uma coisa ordenada por alguma suprema sabedoria, especialmente se notarmos a conduta do gênero humano. Confesso que, à primeira vista, isso parece dessa maneira, mas uma análise mais profunda das coisas nos impõe a opinião oposta. Dessas considerações que apresentei, é óbvio, *a priori*, que tudo, mesmo as mentes, está na sua maior perfeição.

E, de fato, é injusto formar um juízo a menos que se tenha examinado inteiramente a lei, como dizem os jurisconsultos. Conhecemos apenas uma pequena parte da eternidade, que se estende sem medida, pois curta é a memória de muitos milhares de anos que a História nos concede. E, todavia, de tal escassa experiência precipitadamente formamos juízos a respeito do imenso e do eterno, como pessoas nascidas e criadas na prisão ou, se preferires, nas minas subterrâneas de sal da Sarmatia; pessoas que pensam não haver outra luz no mundo senão a luz obscurecida de suas tochas, luz certamente não suficiente para guiar seus passos. Olha para um belo quadro; cobre-o exceto por uma pequena parte. Como parecerá ele senão como uma combinação confusa de cores sem encanto e sem arte? Na verdade, por mais próximo que o examinemos, terá ele essa aparência. Mas tão logo a cobertura seja retirada e possas ver toda a tela de um local adequado, compreenderás que aquilo que parecia ser manchas acidentais sobre a tela fora feito com completa arte pelo autor da obra. E o que os olhos descobrem na pintura, os ouvidos descobrem na música. De fato, os mais ilustres mestres da composição muito frequentemente mesclam dissonâncias e consonâncias a fim de excitar o ouvinte e penetrar-lhe, por assim dizer, de modo que, ansioso com o que vai acontecer, este sinta o maior prazer quando a ordem for restaurada, exatamente como nos alegamos com pequenos perigos e desventuras, graças ao sentimento ou manifestação de nossa potência ou felicidade; ou como nos deleitamos no espetáculo de trapezistas ou no salto entre espadas pela habilidade de nos estimular o pavor; ou como, quando, por brincadeira, levantamos crianças ao alto como se fôssemos arremessá-las (também por essa razão, quando Christian, rei da Dinamarca, ainda uma criança envolta em faixas, foi carregado por um macaco até a beira do telhado, todos se sentiram aflitos, mas logo em seguida riram quando o animal, como que sorrindo, o colocou seguramente no berço). Por esse princípio, é insípido sempre comer alimentos doces; para excitar o paladar deve-se misturar sabores acres, ácidos e até amargos. Quem não provou coisas amargas não mereceu as doces nem tampouco as apreciará. O prazer não

deriva da uniformidade, pois essa traz futuramente desgosto e nos torna idiotas, não alegres: esse princípio é a lei da alegria.

Mas o que dissemos acerca da parte, ou seja, que pode estar perturbada sem deixar de haver harmonia no todo, não deveria ser entendido como se não houvesse razão nas partes, ou como se fosse suficiente para o mundo inteiro ser perfeito em sua classe, mesmo se a raça humana fosse miserável, não prestasse atenção à Justiça no universo, ou não nos assegurasse, como certas pessoas de juízo pobre acreditam a respeito da totalidade das coisas. Deve-se compreender que, assim como na melhor república constituída cuida-se para que cada indivíduo obtenha, tanto quanto possível, o que lhe é ótimo, o universo seria insuficientemente perfeito a menos que levasse em conta os indivíduos tanto quanto poderia ser feito consistentemente, preservando a harmonia do universo. É impossível nessa questão achar um modelo melhor que a própria lei da justiça, que manda que cada um participe da perfeição do universo e de sua própria felicidade em proporção à sua própria virtude e na medida em que sua vontade tem contribuído para o bem comum. Isso exclui o que denominamos caridade e o amor de Deus, no que consiste toda força e poder da religião cristã, segundo o juízo dos sábios teólogos. Nem parece admirável o fato de que tanto se atribua às mentes no universo, desde que refletem a imagem do Supremo Criador e a Ele se referem não só como máquinas em relação aos seus construtores (como fazem as outras coisas), mas também como cidadãos em relação ao príncipe. Igualmente, essas mentes são destinadas a perdurar tanto tempo quanto o próprio universo, de certa maneira, exprimindo e concentrando em si mesmas o todo de modo que se pode afirmar que são partes totais.

Também devemos sustentar que as aflições, especialmente as dos bons, guiam-nos ao bem maior. Isso é verdadeiro não apenas na Teologia, mas também fisicamente – um grão atirado na terra deve sofrer antes de produzir frutos. E, em geral, pode-se afirmar que aflições que são temporariamente más são boas quanto aos seus efeitos, uma vez que constituem atalhos para uma maior perfeição.¹⁹ Assim é nas coisas físicas, em que líquidos que fermentam mais lentamente também demoram a melhorar, mas aqueles em que há uma perturbação mais violenta, mais depressa são melhorados, pois eliminam partes com mais força. E isso é o que denominamos de recuo a fim de saltar para frente com maior força (recuar para melhor saltar). Essas considerações devem ser não somente agradáveis e consoladoras, mas também verdadeiras. E penso que no universo nada é mais verdadeiro do que a felicidade, nem mais feliz ou doce do que a verdade.

Em acréscimo às belezas e perfeições da totalidade das obras di-

¹⁹Cf. *Princípios da Natureza e da Graça* §13 (N. do T.).

vinas, devemos também reconhecer um certo progresso constante e ilimitado em todo o universo, de modo a seguir sempre rumo a um maior desenvolvimento, exatamente como uma grande parte do nosso mundo está agora cultivado e assim tornar-se-á mais e mais. E embora certas coisas regressem a seus estados selvagens originais e outras sejam destruídas e sepultadas, devemos, todavia, entender isso do mesmo modo como interpretamos há pouco a aflição. De fato, essa destruição e sepultamento nos conduzirão à obtenção de algo melhor, de modo que, em certa medida, lucraremos com a perda.

E quanto à objeção de que, se assim fosse, então o mundo deveria há muito tempo ser um paraíso, a resposta é: ainda que muitas substâncias já tenham alcançado uma grande perfeição, em razão da infinita divisibilidade do contínuo, há sempre partes adormecidas no abismo das coisas a ser despertadas e promovidas a maiores e melhores coisas, ou, em resumo, a um cultivo melhor. Assim, o progresso nunca chega a um fim.

Primeira carta a Nicolas Rémond

Viena, julho de 1714

Tinha a esperança de anexar a esta carta alguma explicação sobre as Mônadas que o senhor havia me solicitado. Mas essa permanece inconclusa e muitas ocupações me impedem de concluí-la tão cedo. O senhor bem sabe que essas questões exigem recolhimento. Contudo, não desejava postergar por muito tempo a resposta a sua honrosa carta, na qual encontro uma sequência de boas opiniões que tens acerca de minhas meditações, que espero ser capaz de merecer suprimindo as dificuldades que podem ainda fazê-lo deter-se.

É verdade que a minha *Teodiceia* não é uma suficiente exposição do meu sistema, mas se o senhor a ela acrescentar aquilo que publiquei em vários periódicos, isto é, de Leipzig, de Paris, aquele do senhor Bayle e o do senhor Basnage, nem tudo estará perdido; ao menos quanto aos princípios. Em Veneza, há um erudito francês de nome Bourguet que me tem feito algumas objeções. Acredito que ele é conhecido do abade Conti. Mas essas objeções foram enviadas ao senhor Herman e as encontrei em meu retorno a Hanover. Não gostaria de tê-las recebido aqui, onde estou muito ocupado. Os senhores Herman e Wolff receberam as objeções do abade Conti ao meu sistema; espero que as compartilhem comigo e tratarei de beneficiar-me delas. O senhor não é o primeiro que me fala desse ilustre abade como alguém dotado de excelente espírito. Estou ansioso por ver os escritos dele e, assim, fazer bom uso deles, pois não duvido que irão me esclarecer.

Compartilhei algumas de minhas opiniões com o senhor Wolff,²⁰ mas como ele está por demais ocupado no ensino – especialmente das matemáticas – e não nos temos comunicado o suficiente acerca de filosofia, ele raramente poderá saber algo sobre meus pensamentos além do que tenho publicado. Tenho visto algo que alguns dos seus jovens estudantes têm escrito. Encontro muita coisa de valor, embora haja passagens com as quais não concordo. Portanto, se ele tivesse escrito algo sobre a Alma, em língua alemã ou outra qualquer, trataria de ler e comentar.

Desde que meus versos não desagradaram ao senhor, tampouco ao abade Fraguier, não me surpreende que tenham agradado ao cardeal de Polignac. Suplico, senhor, que apresente meus respeitos a Sua Eminência e que lhe agradeça, antecipadamente, as gratas palavras a mim dirigidas. Espero recebê-las logo, para que possa me beneficiar e, assim, aperfeiçoar meus pensamentos. Rogo que também apresente meus cumprimentos ao abade Conti, cuja pessoa e mérito muito estimo.

Encontra-se aqui o conde Jörger, membro de uma das melhores famílias austríacas e que planeja viajar até a França, onde antes já esteve. Anteriormente, havia sido camarista do imperador Joseph e prestou serviços à chancelaria como enviado especial à Inglaterra e a Turim. Além de exercer cargos que só podem dignificar um cortesão, possui um notável conhecimento, sobretudo naquela área da física que trata do refino dos elementos pelo fogo. Entretanto, possui uma qualidade adicional e importante, pois, sendo profundo conhecedor da Arte Geral do célebre Raymond Lull,²¹ sabe como se utilizar dela, não para fazer fúteis discursos como muitos os fazem, mas para meditar como aplicá-la à realidade. Prefere Lull a todos os modernos – até mesmo a Descartes. Como irá à França quando não estarei mais aqui, solicitou-me, senhor, que antecipadamente escrevesse, a fim de que possa ele um dia ter a honra de conhecê-lo, tendo sido cativado por suas cartas. Suas boas qualidades se tornarão evidentes, mas também valoriza pessoas como o senhor, cuja quantidade desejaria fosse maior.

Quando jovem, interessei-me pela arte de Lull; entretanto, pensei ter descoberto nela muitos defeitos, sobre os quais escrevi algo em um texto intitulado *De Arte Combinatoria*, publicado em 1666 e que foi reimpresso posteriormente contra minha vontade. Mas como não rejeito nada tão precipitadamente (exceto as artes da adivinhação, que são pura e simplesmente fraudes) continuo encontrando algum valor na arte de Lull bem como no *Digestum Sapientiae* do padre Ives, o capuchinho, que muito me agradou, pois descobriu igualmente meios

²⁰Christian Wolff [1679–1754], filósofo e matemático alemão e um dos principais intérpretes de Leibniz (N. do T.).

²¹Filósofo franciscano espanhol [1232–1316] (N. do T.).

de aplicar as generalidades de Lull a úteis particularidades. Todavia, parece-me que o senhor Descartes realmente possui outro tipo de profundidade. Entretanto, a filosofia – embora muito faça avançar nosso conhecimento – também possui suas imperfeições, que não lhe podem atualmente ser desconhecidas.

No que diz respeito ao senhor Gassendi,²² sobre quem o senhor deseja saber minha opinião, eu o considero detentor de enorme e extensa erudição, bem versado na leitura dos antigos, na história secular e eclesiástica e em todos os campos do conhecimento. Contudo, suas ideias pouco me satisfazem na atualidade como faziam quando comecei a abandonar as opiniões da Escola, quando ainda estudante. Como a doutrina dos átomos satisfazia minha imaginação, eu lhe atribuí crédito, e o vácuo de Demócrito e Epicuro – juntamente com as partículas indestrutíveis desses dois autores, pareceu-me remover todas as dificuldades. É verdade que essa hipótese pode satisfazer físicos pouco sofisticados, e assumindo que existem tais átomos, conferindo-lhes os movimentos e as configurações apropriadas, certamente não há quaisquer condições materiais que não sejam possíveis de satisfazer, se conhecêssemos suficientemente os detalhes sobre as coisas. Consequentemente, poder-se-ia fazer uso da filosofia do senhor Gassendi para a introdução dos jovens no conhecimento da natureza física, mas apenas dizendo-lhes que podem empregar os átomos e o vácuo como uma hipótese, e que se pode permitir um dia preencher esse vácuo com um fluido tão refinado que pouco afete os fenômenos e, além disso, não entenda a indestrutibilidade dos átomos em sentido estrito.

Entretanto, tendo desenvolvido meus pensamentos descobri que o vácuo e os átomos não podem existir. Nas *Mémoires de Trévoux* foram publicadas algumas cartas que troquei com o senhor Hartsoeker nas quais formulei algumas razões gerais – extraídas de princípios maiores – que subvertem os átomos, mas posso produzir muitas outras, pois a totalidade do meu sistema a eles se opõe.

No que diz respeito às disputas que ocorreram entre os senhores Gassendi e Descartes, julgo que o senhor Gassendi estava correto em rejeitar alguma das supostas provas sobre Deus e a Alma formuladas pelo senhor Descartes. Contudo, fundamentalmente, acredito que as opiniões do senhor Descartes são melhores, muito embora ainda não tenham sido adequadamente provadas. Ao passo que o senhor Gassendi me parece muito vacilante quanto à natureza da Alma e, em resumo, sobre a Teologia natural.

De acordo com a carta do senhor Locke ao senhor Molineux, encontrada nas correspondências póstumas do primeiro, aparentemente

²²Pierre Gassendi [1592-1655] teólogo, filósofo e matemático francês (N. do T.).

este sagaz inglês não aceitava facilmente objeções. Desde que ele nunca me comunicou ter respondido as minhas, não posso dar resposta a isso. Não sei se estão nessa coleção.

Tenho exposto minha opinião na *Teodiceia* sobre a questão da ação de Deus e das criaturas, tão controversa atualmente. Parece-me que após muito investigar a questão devo manter minha opinião. Todavia, não ficarei infeliz em um dia perceber aquilo que foi objetado ao reverendo Malebranche e como ele respondeu a tudo isto. Estas questões carecem de precisão, não possuindo definições adequadas. Vi a primeira edição do profundo trabalho do senhor Montmaur de um amigo; mas ficarei feliz em receber a segunda edição que, indubitavelmente, será enriquecida por novas e valiosas investigações. Desejo que um hábil homem escreva um discurso sobre todos os tipos de assuntos [jogos] – do ponto de vista da matemática e da física. O espírito humano excede em tais assuntos – mais do que em qualquer outro.

O abade Fraguier forneceu brilho a ideias tão simples como as minhas em versos de excelente beleza – o que não faria se lidasse com assuntos importantes e questões tão sublimes? Se eu puder contribuir com algumas explicações para encorajá-lo a implementar plano tão fino que ele parece possuir – fornecendo substância e estilo a ideias contidas na mais profunda filosofia – terei prestado um enorme serviço à Humanidade. Imploro-lhe, senhor, que lhe transmita meus mais humildes agradecimentos etc.

Adendo

Tomei conhecimento, por intermédio do senhor Hugony, que encontras alguma dificuldade acerca de minhas Unidades ou Mônadas. Gostaria de saber em que consiste tal dificuldade. Todavia, tentarei explicar-me. Creio que todo o universo das criaturas não consiste senão em substâncias simples, ou Mônadas, e nas suas reuniões. Essas substâncias simples são aquilo que denominamos Espírito em nós e nos gênios e Alma, nos animais. Todas elas possuem percepção (que nada mais é que a representação da multiplicidade na unidade) e apetite (que nada mais é que a tendência de uma percepção para outra), que se denomina paixão nos animais e vontade, [nos seres humanos], em que a percepção é um entendimento. Não poderíamos mesmo conceber que exista outra coisa mais nas substâncias simples e, conseqüentemente, em toda a natureza. As reuniões das Mônadas são aquilo que denominamos corpos. Nessa massa denominamos matéria ou, mais precisamente, força passiva ou resistência primitiva àquilo que nos corpos julgamos ser passivo e uniforme por toda a parte; entretanto, a força ativa primitiva é aquilo que podemos denominar Enteléquia, e nisso a massa é variada.

Contudo, todos esses corpos e tudo o que a eles podemos atribuir não são substâncias, mas apenas fenômenos bem fundados, ou o fundamento das aparências, que são diferentes para observadores diferentes, mas que se relacionam entre si e vêm de um mesmo fundamento, como diferentes perspectivas de uma mesma cidade quando vista de vários pontos. Longe de ser uma substância, o espaço não é sequer um ser. É uma ordem, como o tempo, uma ordem de coexistências, como o tempo é uma ordem entre as existências que não estão reunidas. A continuidade não é uma coisa ideal, mas aquilo que há de real é o que se encontra nessa ordem de continuidade. No ideal ou contínuo, o todo é antecedente às partes, como a unidade aritmética é antecedente às frações que a dividem e pode ser fixada arbitrariamente, as partes são apenas potenciais; mas no real o simples é anterior às reuniões, as partes são atuais, existindo antes do todo. Essas considerações suscitam problemas concernentes ao contínuo, que assumem que este é algo real e que possui partes anteriores a qualquer divisão, e que a matéria é uma substância. Portanto, não devemos conceber a extensão como um espaço real contínuo, semeado de pontos. Isso são ficções apropriadas a satisfazer a imaginação, mas nas quais a razão não encontra satisfação. Tampouco devemos conceber que as Mônadas, como pontos em um espaço real, movam-se e se propaguem por si próprias ou se entremesquem; basta que os fenômenos o façam parecer como tal e essa aparência seja verídica na medida em que os fenômenos sejam bem fundados, quer dizer, aquiescentes. Os movimentos e os concursos não são mais que aparência, mas aparência bem fundada e que nunca nos engana, como sonhos exatos e perseverantes. O movimento é o fenômeno da mudança conforme o lugar e o tempo; o corpo é o fenômeno que muda. As leis do movimento, sendo fundadas nas percepções das substâncias simples, originam-se das causas finais ou de conveniência que são imateriais e estão em cada Mônada. Mas se a matéria fosse substância, originar-se-iam das causas brutas ou da necessidade geométrica e seriam inteiramente diferentes do que são. Não há nenhuma outra ação das substâncias que não sejam as percepções e os apetites, todas as outras ações são fenômenos, como todos os outros agentes. Platão parece ter compreendido algo sobre isso; ele considerava os objetos materiais como pouco reais, e os membros da Academia questionavam que estivessem fora de nós – o que pode razoavelmente explicar-se, ao se afirmar que nada mais seriam fora das percepções e que adquirem sua realidade a partir das congruências das percepções de substâncias aperceptivas. Essa congruência se origina da harmonia preestabelecida entre as substâncias, porque cada substância simples é um espelho do mesmo universo, tão duradouro e tão amplo como ele, ainda que as percepções das criaturas não possam ser distintas senão perante pouca coisa de cada vez e se diferenciem

pelas relações ou, por assim dizer, pelas perspectivas dos espelhos, o que faz com que um mesmo universo seja multiplicado por infinitos modos por outros tantos espelhos vivos, representando-o cada um deles a seu modo. Assim, podemos afirmar que cada substância simples é uma imagem do universo, mas que cada Espírito é, acima disso, uma imagem de Deus, tendo conhecimento não apenas dos fatos e de suas ligações empíricas, como as almas sem razão, que não são mais que empíricas, mas tendo também conhecimento da necessidade [lógica] das verdades eternas, capazes de entender as razões dos fatos e imitando a arquitetura de Deus, e sendo capazes, por causa disto, de entrar em confraternização com Ele e tornarem-se membros da Cidade de Deus, o mais bem governado reino de todos, como o mundo também é a mais perfeita de todas as estruturas, o melhor composto físico e o melhor composto moral.

Entretanto, receio que esta carta, repleta de pensamentos tão abstratos e tão distante das opiniões geralmente aceitas, irá desagradar ao senhor. Não quero intimidá-lo acerca disto tudo; preferiria retornar a isso em outra ocasião. Todavia, quero que reconheças o quanto estimo e respeito o senhor ao escrever o que não facilmente poderia escrever a outros. Por isso, esta carta é somente para teus olhos. Muitos outros a considerariam absurda ou ininteligível.

Segunda carta a Nicolas Rémond

Hanover, 4 de novembro de 1715

Acabo de receber sua encomenda e agradeço os interessantes artigos que o senhor compartilhou comigo. Nada afirmo sobre a questão homérica, mas como após os livros sagrados é ele o mais antigo de todos os autores cujas obras chegaram até nós, desejaria que as dificuldades históricas e geográficas que a Antiguidade suscitou acerca de suas obras e, principalmente, sobre a *Odisseia*, fossem esclarecidas quanto à antiga geografia: porque fantásticas como são as viagens de Ulisses, é certo, todavia, que Homero o enviou a territórios dos quais se falavam em seu tempo, mas que são difíceis de reconhecer atualmente.

Passo a considerar, agora, os artigos filosóficos que dizem respeito ao reverendo Malebranche (cuja perda muito lastimo) e que buscam esclarecer a teologia natural dos chineses. A refutação desse sistema do reverendo, composta de três pequenos volumes, sem dúvida, é obra de um homem brilhante, pois é hábil e claro.²³ Eu aprovo algo

²³Leibniz refere-se à obra *Réfutation d'un nouveau système de métaphysique proposé par le Père Malebranche*, 1715, de autoria de Rodolphe du Terter (N. do T.).

dela, mas uma parte é exagerada. Mostra-se muito distante das opiniões de Descartes e do reverendo Malebranche, mesmo quando fazem sentido. É tempo de deixar de lado essas animosidades que os próprios cartesianos talvez tenham atraído ao demonstrar muito desprezo para com os antigos e com a Escola, na qual há, todavia, também ideias sólidas que merecem nossa atenção. Deve-se fazer justiça a ambos os lados e beneficiar-se das descobertas. Assim como se tem o direito de rejeitar o que quaisquer dos lados tenha adiantado sem fundamentação.

1. É correto refutar-se os cartesianos quando afirmam que a Alma nada mais é que pensamento, da mesma maneira quando afirmam que a matéria nada mais é que extensão. Pois a Alma é um sujeito ou algo concreto que pensa, e a matéria é um sujeito extenso, ou dotado de extensão. Esse é o motivo pelo qual sustento que não há razão em confundir-se o espaço com a matéria, embora admita que, naturalmente, não há espaço vazio. A Escola está certa ao distinguir os concretos dos abstratos, quando se trata de exatidão.
2. Concorro com os cartesianos quando afirmam que a Alma pensa sempre, mas não admito que a Alma é consciente de todos os seus pensamentos. Nossas grandes percepções e nossos apetites, dos quais nós próprios estamos conscientes, compõem-se de uma infinidade de pequenas percepções [*petites perceptions*] e pequenas inclinações, das quais não podemos estar conscientes. E é nas percepções insensíveis que se encontra a razão disso ocorrer em nós, assim como a razão para o que ocorre nos corpos sensíveis consiste em movimentos insensíveis.
3. Certamente é correto refutar o reverendo Malebranche neste particular, quando sustenta que a Alma é puramente passiva. Creio ter demonstrado que toda substância é ativa e, especialmente, a Alma o é. Essa também é a opinião dos antigos e modernos, e a Entelêquia aristotélica, que tem causado tanto alvoroço, nada mais é que força ou atividade, isto é, um estado a partir do qual a ação decorre naturalmente, se nada a impede. Mas a pura matéria primária, considerada sem as almas ou vidas que a elas estão unidas, é puramente passiva. Também falando estritamente, não é uma substância, mas algo incompleto. E a matéria segunda (como, por exemplo, o corpo orgânico) não é uma substância, mas por outra razão: trata-se de uma pluralidade de outras substâncias, tal como um lago repleto de peixes ou um rebanho de ovelhas e, conseqüentemente, é o que se pode denominar *unum per accidens*²⁴ – em uma palavra, um fenômeno. Uma substância verdadeira (tal como um animal) é

²⁴Uma unidade por acidente (N. do T.).

composta de uma Alma imaterial e de um corpo orgânico, e é o composto dessas duas que se denomina *unum per se*.²⁵

4. No que diz respeito à eficiência das causas secundárias, novamente é correto sustentá-la contra a opinião do reverendo. Demostrei que toda substância, ou Mônada (tais como as almas), segue suas próprias leis, produzindo suas ações sem poder ser perturbada pela influência de outra simples substância criada: e que assim os corpos não mudam as leis ético-lógicas das Almas, assim como as Almas não mudam tampouco as leis físico-mecânicas do corpo. Esse é o motivo pelo qual as causas secundárias realmente agem, mas sem qualquer influência de uma simples substância criada sobre outra; e as Almas se ajustam com os corpos e entre elas em virtude da harmonia preestabelecida e não por uma influência física mútua, exceto a união metafísica da Alma e de seu corpo, que as fazem compor um *unum per se*, um animal, um ser vivo. Por isso, é correto refutar a opinião daqueles que negam a ação das causas secundárias; mas isso deve ser feito sem reviver as falsas influências, tais como as espécies da Escola.
5. O reverendo Malebranche utilizou este argumento: que a extensão, não sendo um modo de ser da matéria, deve ser sua substância. O autor das *Refutações* distingue (Vol. 1, p.91) entre os modos puramente negativos do ser e os modos positivos do ser; e afirma que a extensão é um dos modos de ser de segunda classe, que ele acredita poderem ser concebidos por si mesmos. Mas não há modos positivos de ser, todos eles consistindo na variedade de limitações, e todos podem apenas ser concebidos por meio do ser que eles são os modos e meios. E quanto à extensão, pode-se afirmar que não é um modo de ser da matéria e que tampouco é uma substância. “O que é ela, então?”, dirá o senhor. Respondo que é um atributo das substâncias e há uma enorme diferença entre atributos e modos de ser.
6. Todavia, parece-me que o autor das *Refutações*, particularmente não combate bem a opinião dos cartesianos sobre o infinito, que consideram, com razão, ser anterior ao finito e do qual o é apenas uma limitação. Ele afirma (Vol. 1, p.303) que se a mente tivesse uma clara e distinta contemplação do infinito, o reverendo Malebranche não necessitaria tanto raciocínio para nos fazer pensar a respeito. Mas, pelo mesmo argumento rejeitar-se-ia o próprio simples e natural conhecimento que possuímos da divindade. Esses tipos de objeções são sem valor, pois há necessidade de trabalho e aplicação a fim de dar aos homens a necessária atenção para as noções mais simples e raramente

²⁵Uma unidade por si mesma (N. do T.).

pode-se ser bem-sucedido em fazer isso, exceto chamando-os de volta de suas dissipações. Esse também é o motivo pelo qual os teólogos, que têm escrito obras sobre a eternidade, necessitam de muitos discursos, comparações e exemplos a fim de tornar isto melhor entendido, embora nada exista de mais simples do que a noção de eternidade. Mas o fato é que tudo depende da atenção em tais questões. O autor acrescenta (Vol. 1, p.307) que no assim denominado conhecimento do infinito, a mente apenas vê que as extensões podem ser colocadas do princípio ao fim e repetidas tanto quanto se deseje. Muito bem, mas esse autor poderia considerar que o reconhecimento de que esta repetição pode sempre ser feita implica o conhecimento do infinito.

7. No seu segundo volume, o mesmo autor examina a teologia natural do reverendo Malebranche, mas seu início parece-me ser muito extravagante, embora afirme representar apenas as suspeitas de outros. Quando esse padre afirma que Deus é ser em geral, isso é tido como sendo vago e ser nocional, como o gênero na lógica; e ele não está distante de acusar o padre Malebranche de ateísmo. Mas acredito que o padre não quer dizer um vago e indeterminado ser, mas um ser absoluto, que difere de seres particulares limitados como o espaço, absoluto e sem limites difere de um círculo e de um quadrado.
8. É mais razoável combater-se a opinião do padre Malebranche sobre as ideias. Pois não há necessidade (assim parece) de tomá-las por algo que está fora de nós. É suficiente considerar as ideias como noções, isto é, como modificações da nossa alma. É desse modo que a Escola, o senhor Descartes e o senhor Arnauld as compreendem. Mas como Deus é a fonte dos possíveis e, conseqüentemente, das ideias, pode-se desculpar e mesmo elogiar o padre por ter alterado os termos e por ter dado um significado mais refinado às ideias ao distingui-las de noções, tomando-as como perfeições que existem em Deus, em que participamos por meio do nosso conhecimento. Essa linguagem mística do padre, portanto, não era necessária, mas a considere útil, pois nos permite melhor encarar nossa dependência de Deus. Parece mesmo que Platão abordou essas ideias, e como Santo Agostinho falou sobre a verdade, eles possuíam pensamentos similares, que considero muito razoáveis; e essa é a parte em que o sistema do padre Malebranche estaria muito feliz em manter, com as frases e fórmulas que dele dependem, assim como estou muito feliz em manter a parte mais sólida da teologia dos místicos. E do que disse até o momento, com o autor da Refutação (Vol. 2, p. 304), que o sistema de Santo Agostinho está um pouco contaminado pela linguagem e opiniões de Platão, gosta-

ria de afirmar que é enriquecido por elas e que dão crédito a ele.

9. Posso dizer quase o mesmo da opinião do padre Malebranche quando ele afirma que nós vemos todas as coisas em Deus. Afirmando que essa é uma expressão que se pode desculpar ou mesmo elogiar, contanto que a entendamos corretamente, pois é mais fácil errar a respeito disso do que sobre os precedentes artigos sobre as ideias. Por isso é bom considerar que, não apenas no sistema do padre Malebranche, como também no meu, apenas Deus é o objeto externo imediato das Almas, exercendo sobre elas uma influência real. E embora a Escola comum pareça permitir outras influências por meio de certas espécies, que acreditam ser objetos enviados para o interior da Alma, não deixam de reconhecer que todas as nossas perfeições são uma contínua dádiva de Deus e uma limitada participação em Sua infinita perfeição. O que nos é suficiente pensar que aquilo que é verdadeiro e bom em nosso conhecimento é também uma emanção da luz de Deus, e que é neste sentido que se pode afirmar que vemos coisas em Deus.
10. O terceiro volume refuta o sistema de teologia revelada do reverendo Malebranche, especialmente quanto à graça e predestinação. Mas como não estudei suficientemente as particulares opiniões teológicas do autor, e como acredito ter suficientemente esclarecido a questão em meus *Ensaios de Teodiceia*, abster-me-ei de abordar tal questão.

Resta-me agora, senhor, abordar a questão da teologia natural dos chineses segundo o que o jesuíta Pe. Longobardi e o Pe. Antoine de S. Marie da ordem dos Menores nos dizem em tratados que o senhor me enviou no intuito de saber minha opinião, bem como sobre o modo como o reverendo Malebranche começou a doutrinar um chinês letrado em nossa teologia, mas isso exige uma carta em separado.

Nota H ao verbete “Rorarius”

Leibniz (...). Ele²⁶ ratifica a opinião de alguns pensadores modernos segundo a qual os animais já estão organizados no sêmen e também acredita²⁷ que a matéria não pode, sozinha, constituir uma unidade verdadeira. Assim, todo animal está unido a uma forma que é um ser simples, indivisível, verdadeiramente único. Além disto, ele su-

²⁶Ver texto publicado no *Journal des Savants* de 27 de junho de 1695, p. 449 [*Sistema Novo da Natureza* §6]

²⁷*Journal des Savants*, p. 446 [*Sistema Novo da Natureza* §3]

põe²⁸ que esta forma nunca abandona seu sujeito, donde resulta que, falando adequadamente, na natureza não há morte, tampouco geração. Ele exclui,²⁹ de tudo isso a alma do homem; ele a coloca à parte etc. Esta hipótese³⁰ nos livra de uma parte do problema. Não mais precisamos responder às incômodas objeções feitas aos escolásticos. A alma dos animais, diz-se contra aqueles, é uma substância diferente do corpo; então, deve ser produzida por criação e destruída por aniquilação; seria necessário, portanto, que o calor³¹ tivesse o poder de criar as almas e de destruí-las;³² e que se pode dizer de mais absurdo? As repostas dos peripatéticos a esta objeção não são dignas de consideração ou de saírem da escuridão das salas de aula onde são expostas a jovens estudantes; servem tão somente para nos convencer que a objeção é irrespondível no que lhes diz respeito. Não se encontram em melhor posição de evitar o precipício para o qual se lançam, quando se empenham a encontrar algum senso e alguma sombra de razão na contínua produção de um número quase infinito de substâncias que são totalmente destruídas alguns dias depois, mesmo que sejam mais nobres e mais excelentes que a matéria, que sempre permanece na existência.

A hipótese do senhor Leibniz desvia-se de todos esses golpes porque nos leva a crer:

1º) que no início do mundo Deus criou as formas de todos os corpos e, por consequência, todas as almas dos animais;

2º) que essas almas continuam existindo para sempre desde aquele momento, inseparavelmente unidas ao primeiro corpo organizado no qual Deus as alojou.

Isso os poupa da metempsicose que, de outro modo, seria um refúgio onde necessariamente deveríamos nos abrigar.

Para que se examine se bem entendi o pensamento do senhor Leibniz, reproduzo aqui parte de sua obra:³³

“E aqui as transformações observadas por Swammerdam, Malpighi e Leeuwenhoek, que se encontram entre os melhores observadores da nossa época, auxiliaram-me e conduziram-me a aceitar mais facilmente que nenhum animal ou outra substância organizada tem ori-

²⁸Cf. p. 447 [*Sistema Novo da Natureza* §4]

²⁹*Journal des Savants* p. 448, 450 [*Sistema Novo da Natureza* §§ 5, 8]

³⁰N. Bernier em sua *Relation des gentils de l'Indoustan* p. 200 ss, relata uma opinião de algum modo similar dos filósofos daquele país.

³¹Ovos de galinha eclodem quando colocados em fornos aquecidos. Esta é uma prática adotada no Egito.

³²Pode-se matar vários tipos de animais colocando-os em um forno muito quente.

³³*Journal des Savants* de 27 de junho de 1695, p. 449 [*Sistema Novo da Natureza* §§ 6, 7]

gem quando achamos que sim e que sua aparente geração é, tão somente, um desenvolvimento ou um tipo de aumento. E tenho notado que o autor de *A Busca da Verdade*, Regis, Hartsoeker e outros competentes homens não se distanciam dessa opinião. Mas ainda permanece a maior questão no tocante ao que é feito dessas almas ou formas quando da morte do animal ou da destruição da substância individual organizada. Essa questão é, dentre todas, a mais difícil, porque parece pouco razoável que as almas possam permanecer, inúteis, em um caos de matéria confusa. Isso me levou a decidir, ao final, que há apenas uma opinião que pode razoavelmente ser tomada, qual seja, que não apenas a alma é conservada, mas também o próprio animal e seus mecanismos orgânicos; embora a destruição das suas partes mais grosseiras o torne tão pequeno quanto pouco perceptível aos nossos sentidos, como era antes do seu nascimento. E, de fato, ninguém pode exatamente dizer a verdadeira hora da morte, que por um longo período pode ser tomada por uma simples suspensão de ações observáveis e que, finalmente, nada mais é do que aquele exemplo de animais simples: testemunha a ressurreição de insetos que haviam sido afogados e em seguida encobertos com giz em pó, e muitos exemplos similares que demonstram claramente que haveria muito mais ressurreições, mesmo em casos extremos, se os homens estivessem em uma posição de reparar o mecanismo. Parece que, era algo desse tipo que nos falava Demócrito, embora fosse um completo atomista, e mesmo que Plínio o tenha ridicularizado pelo que havia dito. É natural, então, que um animal, desde que sempre tenha estado vivo e organizado (como pessoas de grande intuição começam a reconhecer), sempre permaneça como tal. De fato, desde que, por isso, não há primeiro nascimento ou inteira nova geração de um animal, segue-se que não haverá extinção final ou morte completa no estrito sentido metafísico; e que, por consequência, em lugar da transmigração das almas, nada mais há que uma transformação de um e mesmo animal conforme seus órgãos são diferentemente dispostos e mais ou menos desenvolvidos.”

Há alguns pontos problemáticos na hipótese do senhor Leibniz, mesmo que contenham a extensão e a força de seu gênio. Por exemplo, ele argumenta que a alma de um cão age independentemente do corpo: “... que tudo nela origina-se de sua própria natureza, com uma perfeita espontaneidade quanto a si mesma e ainda com uma perfeita conformidade a coisas fora dela. (...) essas percepções internas na própria alma devem originar-se de suas próprias constituições originais, ou seja, da sua natureza representacional (capazes de expressar coisas externas por meio da relação com seus órgãos), que possui desde sua criação e que constitui seu atributo individual.”³⁴

³⁴*Journal des Savants* de 4 de julho de 1695, p. 457 [*Sistema Novo da Natureza* §14]

Disto se segue que ela sentiria fome e sede em certos instantes mesmo se não houvesse nenhum corpo no universo; mesmo se “nada existisse exceto Deus e a alma”. Ele esclarece³⁵ seu pensamento através do exemplo de dois relógios que estão perfeitamente sincronizados: isto é, ele supõe que, segundo as leis particulares que fazem agir a alma, ela deve sentir fome em um instante; e que, segundo as leis particulares que regem o movimento da matéria, o corpo que está unido àquela alma deve ser modificado quando a alma tem fome.

Aguardarei até que o ilustre autor deste sistema o aperfeiçoe para, só então, preferi-lo àquele das causas ocasionais: não posso compreender o encadeamento de ações internas e espontâneas que fazem com que a alma de um cão sinta dor imediatamente após ter sentido prazer, mesmo que ela esteja sozinha no universo. Compreendo por que um cão passa imediatamente do prazer à dor quando, estando muito faminto e tendo começado a se alimentar, alguém nele bate com uma vara; mas que sua alma seja construída de tal modo que sentisse dor no instante em que é açoitado, e mesmo que não o tenha sido, e mesmo que continuasse a se alimentar sem ser perturbado ou impedido, isto é o que não consigo entender.

Também considero a espontaneidade desta alma totalmente incompatível com os sentimentos de dor e, em geral, com todas as percepções que a ela desagradam. Além disso, a razão pela qual este ilustre homem não aprecia o sistema do senhor Descartes parece-me ser uma falsa suposição, pois não se pode dizer que o sistema das causas ocasionais faça intervir a ação de Deus por milagre,³⁶ *Deum ex machina*, na dependência recíproca do corpo e da alma, pois como Deus intervir somente seguindo leis gerais, Ele não age extraordinariamente. Segundo o senhor Leibniz, a virtude interna e ativa comunicada às formas dos corpos conhece a sequência de ações que ela deve produzir? De maneira alguma; pois sabemos por experiência que ignoramos se em certos instantes temos tais e tais percepções. Portanto, seria necessário que as formas fossem dirigidas por algum princípio externo na produção de seus atos. Isso não seria o *Deus ex machina*, do mesmo modo como no sistema das causas ocasionais?³⁷

Finalmente, como ele supõe com toda razão, que todas as almas são simples e indivisíveis, não se pode compreender que elas possam ser comparadas a um relógio; isto é, que por sua constituição original possam elas diversificar suas operações, servindo-se da atividade

³⁵Ver *Histoire des ouvrages des savants* de fevereiro de 1696, pp. 274-275 [Leibniz. *Segundos esclarecimentos sobre o Sistema Novo*]

³⁶*Ibid.*

³⁷Consultar as objeções apresentadas pelo senhor Simon Foucher ao senhor Leibniz no *Journal des Savants* de 12 de setembro de 1695, pp. 639 ss.

espontânea que receberam do seu criador. Concebe-se claramente que um ser simples aja sempre uniformemente, se nenhuma causa externa o desviar. Se ele fosse composto de muitas partes como uma máquina, agiria diversamente, porque a atividade particular de cada parte poderia mudar a todo instante o curso da atividade das outras; mas, em uma substância única, onde se encontraria a causa da mudança de operação?

Glossário

ação Ação define a substância como essencialmente ativa. Só Deus age sem estar sujeito à ação. Nas substâncias finitas, a ação é inseparável da paixão. Estando todas as coisas ajustadas idealmente umas às outras pela harmonia pré-estabelecida, a uma ação em uma deve corresponder uma paixão nas outras. Contudo, estritamente falando, as mônadas não agem realmente umas sobre as outras. [M. 49–52]³⁸

agregado O agregado é a totalidade resultante de elementos ou indivíduos justapostos que não compõem um ser, ou seja, não compõem uma substância, mas um simples aglomerado de seres. Um agregado não é um por si, mas por acidente, Por exemplo, um exército, uma tropa, um monte de pedras, um colar de pérolas. [M 2]

alma Realidade imaterial e dinâmica que funda a unidade e a identidade de um vivente, a alma é um princípio de vida e de unidade para um corpo orgânico. Substância simples, princípio ativo, pode-se denominar também forma ou força primitiva, tardiamente, enteléquia. Ela é a fonte da ação. As almas comuns são os espelhos vivos que expressam o universo. As almas racionais ou espíritos são as imagens de Deus. [M. 14, 18, 62–67, 70–90; SN 14]

apercepção Consciência reflexiva do estado interior, percepção consciente. A apercepção acompanha as percepções distintas e acrescenta-se, então, à percepção, permanente atividade expressiva do mundo a partir de um ponto de vista individual. [M. 14, 19, 23, 29–30]

apetição, inclinação A apetição é a tendência que nos impele, continuamente, de uma percepção a outra. É o princípio de mudança interna. A apetição rege-se pelas leis das causas finais do bem e do mal e exprime a mobilidade das almas, as quais não estão jamais em repouso e tendem continuamente a uma melhor harmonia interior. [M. 15, 79]

³⁸Convenções: M = Monadologia (por seção), SN = Sistema Novo da Natureza (por parágrafo), OFC = Sobre a origem fundamental das coisas.

causa e razão Uma causa é uma razão real que reside em um ser real cuja ação explica por que uma coisa (um fenômeno ou um acontecimento) existe e é o que é. A razão suficiente é o conjunto das condições requeridas para a produção de um ser ou de um acontecimento, ou seja, a variação do ser. [M. 56]

compossibilidade Esfera lógica mais restrita que aquela da possibilidade lógica. Para que algo exista não é suficiente que seja possível; é necessário que aquela coisa seja compossível com outras que constituem o mundo real.

contingência Contingente significa aquilo que não é necessário e cujo oposto é possível porque não implica contradição. Todos os seres, exceto Deus, são contingentes: suas existências não decorrem de suas essências. Porém, as proposições, as verdades, são necessárias ou contingentes. As proposições necessárias podem ser reduzidas a proposições idênticas, tais como $A = A$. Já as proposições contingentes, por um número finito de operações, não podem ser reduzidas a identidades. [M. 33; OFC]

deus Deus é um ser absolutamente perfeito, substância onisciente e onipotente. É a partir da exigência racional de um ser que seja a causa e a origem das coisas reais que Leibniz concebe um Deus que escolhe o melhor dos mundos possíveis e o atualiza. Deus é, assim, não só o princípio, mas o monarca de todas as coisas, fonte de todos os espíritos. Leibniz atribui a Deus uma necessidade lógica e ontológica. [M. 43-48]

enteléquia É uma palavra de origem grega através da qual Aristóteles designou o ato, no sentido de uma realização, de uma perfeição. Leibniz a utiliza para designar a alma como princípio ativo; para caracterizar a substância básica (a mônada) enquanto um agente existente que age por apetite para realizar sua própria natureza completa. [M.18, 48, 63, 70]

espírito Um espírito é uma alma virtualmente reflexiva, uma substância capaz de agir por si mesma. Cada espírito é uma expressão do universo, uma representação viva do universo como um todo. [M. 14, 82, 83, 84, 85]

expressão As percepções das mônadas são expressões das suas relações com todas as outras. Na seção 56 da Monadologia, Leibniz estabelece uma interligação universal que vincula as ações de todas as substâncias entre si. Cada substância expressa ou representa todo o resto em sua própria constituição e embora as mônadas sejam “sem janelas”, o que não lhes permite sofrer uma influência causal a partir do exterior, todavia, são espelhos cujos estados refletem as ações das demais mônadas. [M. 56-57]

harmonia pré-estabelecida A harmonia é a justa proporção, a unidade na multiplicidade ou a diversidade compensada pela identidade. Leibniz considera sua harmonia pré-estabelecida capaz de proporcionar uma explicação natural para a relação mente/corpo, em oposição à opinião dos ocasionalistas, como Malebranche, que exigiam a intervenção de um *deus ex machina* e, assim, consideravam tal relação como sendo o resultado de um milagre perpétuo. No sistema da harmonia pré-estabelecida todas as coisas e acontecimentos do universo conspiram em conjunto para o mais belo. [M. 56, 78; SN. 14-15]

indivíduo Designa o ser singular, único, diferente dos demais, correspondendo ao termo escolástico *species infima* ou à substância primeira de Aristóteles. [M. 9]

inerência Tudo aquilo que é dito de forma verídica de qualquer coisa é inerente à noção daquela coisa.

mal Relativo ao bem, que o limita ou enfraquece, o mal não possui realidade clara. Sua natureza é relativa ou privativa: “o mal é uma privação do ser, ao passo que a ação de Deus é positiva” (Teodicéia § 29). Leibniz o compara com a inércia natural dos corpos. Sem realidade ontológica, corresponde a uma limitação de perfeição do ser. Então, o mal, estritamente falando, não é nada.

matéria Designa o constituinte passivo de tudo que existe. Como princípio passivo de resistência e de impenetrabilidade, a matéria supõe formas ativas tais como as almas. Por isso, considerada à parte de todas as formas, almas ou forças ativas, a matéria é apenas uma abstração. Unida a uma forma substancial ou alma, a matéria forma uma substância verdadeiramente una; uma unidade per si. [M. 4, 65-67]

melhor Fim último de todas as coisas, o melhor é aquilo que é desejado por Deus. Conforme um decreto de Deus que as cria à sua imagem, o melhor é igualmente desejado por todas as criaturas, mas, somente na medida de suas capacidades perceptivas ou afetivas, isto é, mais ou menos confusamente. [M. 55; OFC]

mônada Uma mônada é uma unidade por si mesma, analisável em princípio ativo denominado alma, forma substancial ou enteléquia e em um princípio passivo dito massa ou matéria primeira. A mônada encerra um tipo de percepção e de apetição. É uma substância simples, sem partes. Toda mônada é um espelho vivo do universo, a partir de seu ponto de vista. Já que tudo que existe é uma mônada, um composto de mônadas, estas são átomos substanciais. [M. 1-21]

necessidade É necessário aquilo que não pode não ser. Deve-se distinguir entre uma necessidade absoluta e uma necessidade hipotética. É necessário absolutamente aquilo cujo contrário é impossível.

vel, isto é, que implica contradição. Por exemplo, o triângulo possui necessariamente três ângulos. É necessário hipoteticamente aquilo que é a consequência necessária de uma decisão contingente. Assim, supondo-se que Deus criou o mundo no qual Judas trairá o Cristo, é certo que Judas trairá o Cristo. Mas não é necessário que Deus tenha criado tal mundo contendo Judas: Sua decisão de criar sendo livre e contingente, o que não significa que seja arbitrário ou sem razão. Por consequência, um outro Judas é concebível, não-contraditório. [M. 33; OFC]

percepção A percepção é a ação própria de toda Alma ou substância que consiste em expressar o universo sob um determinado ponto de vista. Ela envolve uma múltipla unidade interna, que expressa ao mesmo tempo o universo; corresponde a um esforço da substância. A percepção, índice da existência, é sempre confiável como percepção imediata e as experiências iniciais são as primeiras verdades de fato. [M. 14-17, 21, 23, 63]

perfeição É perfeição toda qualidade ou todo atributo susceptível de ser pensado sem contradição. A cada grau de perfeição corresponde um grau de poder e, por correlação, uma certa limitação. Ao grau superior de perfeição corresponde um poder infinito, sem limites: aquele de Deus. Toda perfeição provém de Deus que continuamente produz aquilo que há de positivo, de bom, de perfeito, nas criaturas; as imperfeições são atribuíveis a uma limitação original de toda criatura. [M. 41-42, 54]

possível A essência ou a possibilidade de um ser é sua capacidade de ser pensado. As proposições que dizem respeito às essências são as verdades eternas. Os possíveis dependem somente do entendimento divino, enquanto que as coisas atuais dependem também de sua vontade. [M. 43, 57]

princípio de razão Princípio segundo o qual nada existe que não tenha uma razão de ser. A razão não é, então, outra coisa que a série infinita dos requisitos dos fatos, que envolve o universo em sua integralidade (passado, presente e futuro), como os decretos de Deus relativos à existência do mundo. [M. 27-39]

razão A razão é, primeiramente, uma realidade imaterial que produz pela sua ação, uma ligação, uma conexão, entre ela e um acontecimento ou uma coisa. A razão é, também, a capacidade espontânea de apreensão das razões e relações dos espíritos. Deus é a razão última das coisas.

substância Ser individual concreto e completo que responde a um possível ponto de vista sobre o universo e que Deus tornou efetivo através da criação. Toda substância está perpetuamente agindo e atuando, com o concurso de Deus. Suas operações internas se en-

contram harmonizadas com as operações das demais substâncias, o que forma um sistema de substâncias: o universo. Uma substância distingue-se de um agregado por um princípio de unidade que lhe permite permanecer o que é através da contínua mudança de suas operações e modificações. [M. 1, 2, 16]

verdade Proposições cujo conceito do predicado está contido no conceito do sujeito. O modelo da proposição verdadeira mais simples é uma identidade ($A \text{ é } A$). O lugar natural dessas proposições é o entendimento de Deus, região das verdades. Todas as verdades ou bem são verdades de fato, ou bem são verdades da razão. [M.29-36; 43-46]